

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

JANETE JÂNE BINOTI



CATOLICISMO ATUAL: A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO E A LINHA PASTORAL DO
PAPA FRANCISCO

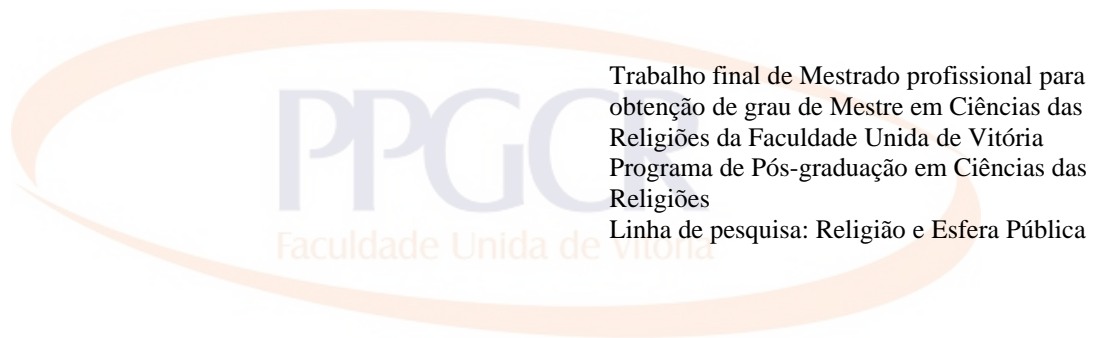
Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 07/12/2017.

Vitória-ES

2017

JANETE JÂNE BINOTI

CATOLICISMO ATUAL: A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO E A LINHA PASTORAL DO
PAPA FRANCISCO



Trabalho final de Mestrado profissional para
obtenção de grau de Mestre em Ciências das
Religiões da Faculdade Unida de Vitória
Programa de Pós-graduação em Ciências das
Religiões
Linha de pesquisa: Religião e Esfera Pública

Orientador: Ronaldo de Paula Cavalcante

Vitória-ES

2017

Binote, Janete Jâne

Catolicismo atual / A teologia da Libertação e a linha pastoral do Papa Francisco / Janete Jâne Binote. – Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2017.

x, 70 f. ; 31 cm.

Orientador: Ronaldo de Paula Cavalcante

Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2017.

Referências bibliográficas: f. 64-70

1. Ciências das religiões. 2. Religião e esfera pública. 3. Concílio Vaticano II. 4. Igreja Católica. 5. Papa Francisco. 6. Teologia da libertação. - Tese. I. Janete Jâne Binote. II. Faculdade Unida de Vitória, 2017. III. Título.

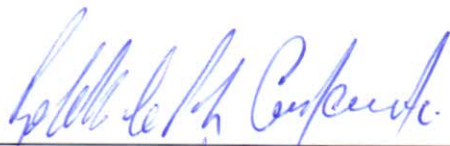
JANETE JANE BINOTI

A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO E A LINHA PASTORAL DO PAPA FRANCISCO

PPGCR

Faculdade Unida


Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Ciências das Religiões no Programa de Mestrado Profissional em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória.



Doutor Ronaldo de Paula Cavalcante – UNIDA (orientador)



Doutor Kenner Roger Cazotto Terra – UNIDA (presidente)



Doutor Antonio Vidal Nunes – UFES



Dedico este trabalho a minha amada mãe, Nilce, pelo apoio, por todos os valores que me ensinou e por tudo que fez por mim.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a DEUS, por ter me dado a chance de concluir este curso e por todas as bênçãos que recebi durante todo esse período. Agradeço também por Ele ter posto pessoas tão maravilhosas a meu lado. Sem a ajuda delas eu não teria conseguido.

A minha querida mãe, Nilce, tão especial e importante na minha vida. Meu imenso agradecimento e meu amor infinito!

Ao meu querido esposo, Sérgio Eduardo, pela presença constante, pela boa vontade, por toda a compreensão ao longo destes dois anos, por dividir comigo os momentos de tristeza, de ansiedade e preocupação. Sem o seu apoio e ajuda eu não teria concretizado esse trabalho. Muito obrigada por tudo! Amo você!

Quero fazer um agradecimento todo especial à minha querida amiga Ana Cláudia, por dividir comigo os momentos difíceis, as lágrimas, a ansiedade e também por ser tão compreensiva, paciente e alegre. Obrigada de coração!

À querida Bárbara, agradeço pelo suporte nos momentos cruciais. Foi muito bom contar com você!

Às amigas de sempre, Rosana, Matilde e Dina, que, mesmo de longe, oraram e torceram muito por mim. Muito obrigada pelo carinho!

Ao meu orientador, Professor Doutor Ronaldo de Paula Cavalcante, minha enorme gratidão, respeito e admiração. Muito obrigada por me atender sempre com muita paciência e cortesia.

À querida Professora Doutora Claudete, aos Professores Doutores Abdruschin, David, Francisco, José Adriano, José Mário, Júlio, Kenner, Osvaldo, Valdir e Vanderlei. Agradeço pela cortesia, pelas sugestões de livros, pelas orientações e pelas aulas incríveis a que eu assisti.

Um agradecimento afetivo ao meu querido amigo Alexsandro, pela enorme ajuda nos momentos mais difíceis, pela compreensão, generosidade, solidariedade e amizade. Muito obrigada!

Aos colegas do curso de Mestrado em Ciências das Religiões, especialmente Gleides, Kátia, Eliete, Bete e Isaque, por todos os períodos que compartilhamos. Obrigada pela ajuda e apoio!

À encantadora Luana, por sempre me atender com muita educação, gentileza, disponibilidade e generosidade, esclarecendo todas as minhas dúvidas e me auxiliando em tudo. Muito obrigada pelo carinho!

Às amigas e amigos do IFES que me ajudaram de uma maneira ou de outra, e torceram por mim. Muito obrigada!

Aos amigos queridos, André e Herbert, pelas mensagens, pela força, pelos conselhos, pelas orações, pela enorme ajuda e pela correção deste trabalho. Muito obrigada!

Às meninas da Biblioteca da Faculdade Unidas, Marisete e Suélen, sempre tão simpáticas, solícitas e gentis. Muito obrigada pelo apoio e ajuda!

Ao Eliseu, pela força, pelo incentivo, pela ajuda fundamental. Muito obrigada!





O Papa Francisco é o dom mais precioso (ou, melhor, inestimável) que a Igreja Católica Romana nos ofereceu, além de ser o presente de que a sociedade mais precisava nestes tempos atormentados pela incerteza, sem direção, à deriva, sem um propósito e sem confiança.

(Zygmunt Bauman)

RESUMO

O objetivo deste trabalho é identificar as influências exercidas pela Teologia da Libertação no pontificado do Papa Francisco. Trata-se de uma revisão bibliográfica, exploratória e qualitativa. O estudo analisa o pontificado do Papa Francisco, utilizando referências importantes como o Concílio Vaticano II e a Teologia da Libertação. Ao explicar a Teologia da Libertação, fez-se uma abordagem da sua origem. Na perspectiva de compreender as influências da Teologia da Libertação, estudou-se a obra de Francisco e seu pontificado, marcado pelos ares da mudança ou *aggiornamento*/atualização e o processo de organização e atuação das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) no aspecto religioso e das mudanças políticas e sociais no Brasil. Descreveu-se o atual momento do pontificado do Papa Francisco, identificando as mudanças por ele preconizadas na Igreja Católica. De acordo com a literatura pertinente, foi possível identificar que as reformas do Papa Francisco têm como principais influências da Teologia da Libertação os ensinamentos do Papa em sua atenção maior com os pobres, por sua força evangelizadora, e o combate à degradação da casa comum, a mãe Terra, por meio do grito da Terra e do grito dos pobres, pobres e vulneráveis. Mesmo que ainda não se tenha pensado nos moldes tradicionais da Teologia da Libertação, o fato é que o Papa Francisco segue o mesmo rumo, com foco na transformação do mundo e da realidade social. Com isso, concluiu-se que a relação da Teologia da Libertação com a práxis de compromisso e com a humanização, ao lado dos excluídos e das vítimas da globalização econômica, ainda se encontra em plena vigência.

Palavras-chave: Concílio Vaticano II. Igreja Católica. Papa Francisco. Teologia da Libertação.

ABSTRACT

The objective of this work is to identify the influences exerted by Liberation Theology in the pontificate of Pope Francis. This is a bibliographic review, exploratory and qualitative. The study analyzes the pontificate of Pope Francis, using important references such as the Second Vatican Council and Liberation Theology. In explaining Liberation Theology, an approach was made to its origin. In the perspective of understanding the influences of liberation theology, the work of Francis and his pontificate, marked by the changes or *aggiornamento* / actualization and the process of organization and action of the Ecclesial Base Communities (CEBs) in the religious, political and social changes in Brazil. The present moment of the pontificate of Pope Francis was described, identifying the changes that he advocated in the Catholic Church. According to the relevant literature, it was possible to identify that the reforms of Pope Francis have as main influences in the Liberation Theology, the Pope's teachings in his greater attention to the poor, his evangelizing force, and the fight against the degradation of the common house, Mother Earth, through the cry of the Earth and the cry of the poor and vulnerable people. Even though the traditional forms of liberation theology have not yet been thought of, the fact is that Pope Francis follows the same course, focusing on the transformation of the world and social reality. With this, it was concluded that the relationship between Liberation Theology and the praxis of commitment and humanization, along with the excluded and the victims of economic globalization, is still in full force.

Keywords: Vatican Council II. Catholic Church. Pope Francis. Theology of Liberation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 AS TENTATIVAS DE REFORMAS NA IGREJA CATÓLICA.....	13
1.1 Breve Histórico da Igreja Católica no Brasil.....	13
1.2 O Concílio Vaticano II.....	21
1.3 Mudanças na Igreja Católica.....	25
2 A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO: O CONTEXTO HISTÓRICO E AS CEBs.....	29
2.1 A Teologia da Libertação e as CEBs.....	29
2.2 A contribuição social da Teologia da Libertação	38
2.3 O Papa Francisco e a Teologia da Libertação.....	40
3 FRANCISCO E OS PRINCÍPIOS DA TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO.....	46
3.1 As reformas propostas por Francisco.....	46
3.2 Críticas ao sistema capitalista.....	51
3.3 Os valores resgatados pelo Papa Francisco.....	57
CONCLUSÃO.....	61
REFERÊNCIAS.....	64

INTRODUÇÃO

Diversos fatores orientaram a escolha desta temática, estritamente relacionada à vida pessoal da autora deste trabalho, de tradição católica romana e sempre motivada a admirar a figura do Papa. Todavia, o Papa Francisco chamou a atenção, de modo muito especial, de diversos setores da sociedade, assim como de outras igrejas e religiões. O que mais impressiona, e que se tornou objeto deste trabalho, foi que ele trouxe novamente para a esfera pública, e não só para a Igreja Católica, temas fundamentais da teologia latino-americana da libertação, como a opção preferencial pelos pobres, a denúncia do sistema econômico capitalista, que gera inúmeras desigualdades, a preocupação ecológica, a promoção do Ecumenismo e do diálogo inter-religioso e a busca de maior engajamento das mulheres na Igreja, entre outros temas. Assim, esta pesquisa tem relevância tanto social quanto acadêmica, pela importância que os discursos e os documentos do Papa Francisco têm recebido em diversos debates atuais na esfera pública.

O Cardeal Jorge Mario Bergoglio, Papa Francisco, assumiu o pontificado no dia 13 de março de 2013. Foi o primeiro jesuíta e o primeiro latino-americano a assumir o cargo mais alto da hierarquia católica. Francisco já demonstrou, em suas primeiras palavras ao mundo, gestos de simplicidade e humanidade,¹ e assinalou que o caminho para a Igreja em crise é fazer com que a instituição eclesiástica não se mantenha centrada em si mesma, à margem do Povo de Deus como um todo e principalmente, da crise da sociedade.² O Papa Francisco pretende dar uma nova forma de ser à Igreja Católica, cuja base está no encontro, no diálogo e na comunhão, atendendo às expectativas de reformas no catolicismo.³

A opção pelos pobres pode ser apontada como uma conquista da Teologia da Libertação, ou seja, um gesto de vontade e não de obrigação. Assim como a afirmação baseada na fé, a atenção aos mais pobres se situa no nível do desejo e não da necessidade: uma exigência moral para a prática cristã. A Teologia da Libertação apela às Ciências Sociais com o objetivo de obter melhor entendimento dos mecanismos de dominação e opressão. Com isso, houve uma aproximação da Teologia da Libertação com os movimentos

¹ Cf. MANZATTO, Antônio. O Papa Francisco e a Teologia da Libertação. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, a. 23, n. 86, p. 183-203, jul./dez., 2015. p. 195..

² Cf. BRIGHENTI, Agenor. Uma instituição em crise em uma sociedade em crise. In: PASSOS, João Décio; SOARES, Afonso Maria Ligório (Orgs.). *Francisco: renasce a esperança*. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 29.

³ Cf. WOLFF, Elias. Reformas na igreja: chegou a vez do catolicismo? Uma aproximação dos 50 anos do Vaticano II e dos 500 anos da Reforma luterana, no contexto do pontificado do Papa Francisco. *Revista Horizonte*, Belo Horizonte, v. 12, n. 34, p. 534-567, abr./jun., 2014. p. 558.

socialistas e marxistas.⁴

Nesse preceito, tem-se o pontificado do Papa Francisco, contextualizado como um novo modo de exercer o Papado. Diante das reformas promovidas pelo Papa Francisco, quais seriam as influências exercidas pela Teologia da Libertação em seu pontificado? A Teologia da Libertação desenvolvida nos anos 70 pode trazer alguma contribuição para o mundo atual? Para tanto, o estudo tem por objetivo identificar as influências exercidas pela Teologia da Libertação no pontificado do Papa Francisco.

O estudo busca explicitar pesquisas que revelam que o Papa Francisco, diante de suas intenções ideológicas, mantém uma visão progressista no que se refere a uma crítica ao modelo econômico e se aproxima dos ideais da Teologia da Libertação na exigência de justiça social.

O tema é complexo, havendo necessidade de delimitar o contexto na crise da Igreja Católica com enfoque na Teologia da Libertação, como opção preferencial pelos pobres, e na pastoralidade do Papa Francisco. Justifica-se a escolha do tema por ser firmado em um contexto atual, em que a Igreja Católica vive um momento de expectativas por reformas que se identificam com o pontificado do Papa Francisco.

A pesquisa é relevante por contextualizar a clara identificação do Papa Francisco com um leque de valores evangélicos e eclesiais, e sua simplicidade, capaz de incentivar uma melhor compreensão e fraternidade, voltadas à diminuição do distanciamento da Igreja em relação aos problemas atuais da humanidade, com o desencadeamento de um importante processo de mudanças e renovação cristã e eclesial.

A pesquisa terá como base vários autores, dentre os principais: Leonardo Boff, Enrique Dussel, Michael Löwi, Gustavo Gutiérrez. Os autores propuseram questões para repensar as práticas da Igreja Católica e dentro do âmbito teológico criticaram a sociedade.

A natureza da pesquisa será bibliográfica, exploratória e qualitativa. Bibliográfica, porque explica a problemática a partir do referencial teórico, composto principalmente de livros, dissertações, teses e artigos científicos. Quanto aos objetivos, é exploratória, pois, de acordo com Gil, esse tipo de pesquisa: “tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses”.⁵ E a pesquisa qualitativa considera que existe uma relação entre o mundo e o sujeito que não pode ser traduzida em números.

O estudo foi estruturado em três capítulos. No primeiro, descreveu-se a atual crise na

⁴ Cf. MANZATTO, 2015, p. 186.

⁵ GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2010. p. 41.

Igreja Católica, com enfoque na hierarquia e no conservadorismo cristão. A abordagem do segundo capítulo abrange a Teologia da Libertação, seu contexto e histórico e sua contribuição para o Brasil. E, por fim, o terceiro capítulo trata das reformas propostas por Francisco, das críticas ao sistema capitalista e dos valores resgatados por esse Papa.



1 AS TENTATIVAS DE REFORMAS NA IGREJA CATÓLICA

Este estudo pretende analisar o pontificado do Papa Francisco, buscando como referências o Concílio Vaticano II e a Teologia da Libertação. Para tanto, é importante efetivar um estudo histórico, resgatando as questões que envolvem disputas ideológicas dentro da Igreja Católica e a detecção da influência da Teologia da Libertação nas reformas promovidas pelo Papa Francisco.

1.1 Breve Histórico da Igreja Católica no Brasil

No Brasil, do descobrimento até a Proclamação da República, em 1889, a estrutura funcional do país com relação à Igreja Católica foi o Padroado,⁶ contrário aos ideais do pensamento liberal e firmado no posicionamento de que a religião deveria seguir a um único comando: o do Papa. Nesse tipo de regime o rei acumulava o cargo de chefe de Estado e superior religioso, na medida em que a Igreja Católica delegava a uma instituição ou a um indivíduo a jurisdição sobre determinado território para que nele fosse propagada a fé cristã.⁷

Nesse período de intenso movimento religioso, as relações sociais do país se caracterizavam pela transição do colonialismo e da experiência agrária para a produção industrial.⁸ A quantidade de fiéis ligados aos atos religiosos comemorativos populares era entendida como quesito hierárquico e único, totalmente vinculado à Santa Sé, com o propósito de evitar o caráter local da religiosidade e seu natural distanciamento.

A primeira fase do período de ultramontanismo⁹ refere-se a uma corrente que destacou a atuação da Igreja Católica no Brasil, principalmente a partir da segunda metade do século XIX. Nessa fase, os bispos reformadores buscavam investimentos para a formação do clero, a fim de que os padres recebessem e executassem as ordens da Santa Sé. O principal objetivo

⁶ Cf. COSTA, Giovani Bernardo. *Catolicismo tradicionalista e Arautos do Evangelho: aspectos fundamentais de um tradicionalismo católico*. 2014. 117 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014. p. 12.

⁷ Cf. MESQUIDA, Peri. Educação e hegemonia católica no Brasil (1870 a 1900). *Revista Diálogo Educacional*, São Paulo, v. 2, n. 3, p. 113-128, jan./jun., 2001. p. 6.

⁸ Cf. COSTA, 2014, p. 12.

⁹ O termo ultramontanismo vem do latim e significa 'além das montanhas', especificamente, para além dos Alpes, em Roma. Movimento de orientação política, baseia-se numa autocompreensão desenvolvida pela Cúria Romana. Essa corrente marcou a atuação da Igreja Católica brasileira, destacando-se principalmente pelo combate aos ideais liberais e às ideias modernizantes. Um dos elementos importantes para a compreensão do movimento ultramontano é o respeito à hierarquia católica, que tinha como principal figura o Pontífice Romano. Cf. OLIVEIRA, Luciano Conrado; MARTINS, Karla Denise. O ultramontanismo em Minas Gerais e em outras regiões do Brasil. *Revista de Ciências Humanas*, Viçosa, v. 11, n. 2, p. 259-269, jul./dez., 2011. p. 259-60.

era uniformizar as ordens em todas as dioceses.¹⁰ Com o rompimento entre o Estado e a Igreja Católica, esta perdeu alguns privilégios, principalmente com a instalação do Estado laico e positivista.

A primeira Constituição Republicana, em 1891, determinou a separação entre o Estado e a Igreja, com o objetivo de garantir a laicidade do país.¹¹

Ressalta Arendt, citado por Fischmann:

Ora, a grande diferença que há entre um Estado que se baseia na ordem religiosa e o laico é que neste os seres humanos tomam-se uns aos outros em sua condição humana, como necessitados de agir em conjunto, ou em concerto, para construir a igualdade. Já na fusão da esfera privada com a esfera pública que faz o Estado religioso, haverá o apelo ou ao sobrenatural ou àquele 'absoluto transcendente', crível, se assim se desejar, mas inapreensível ao meramente humano.¹²

O caráter laico do Estado permitiu sua separação e distinção das religiões, oferecendo à esfera pública e à ordem social a chance de convivência com a diversidade e a pluralidade do homem. Também conferiu a cada cidadão a perspectiva de escolha de ser ou não crente, de associar-se ou não a uma ou a outra instituição religiosa. Na decisão de crer, ou no apelo para tal, é a laicidade do Estado que garante a liberdade de escolha da crença e de como praticá-la,¹³ ou da escolha de não crer, conservando a plenitude da cidadania, na busca da construção da igualdade.

Entre 1890 e 1920, diminuiu a quantidade de padres. As grandes distâncias e as dificuldades de locomoção contribuíram para que as congregações estrangeiras passassem a ser mais assíduas na reorganização e na ampliação dos quadros do clero.¹⁴ No entanto, a fé cristã, desde o fim do século XIX, já confrontava as mudanças no contexto social, que, no Brasil, se iniciaram nos anos 1950 e se intensificaram nos anos 1960.

A Igreja Católica no Brasil foi passando por modificações no decorrer do século XX, porém sua influência política sempre foi muito forte, principalmente em setores como a educação. O conservadorismo e o apego à tradição também são marcas da Igreja Católica, entretanto com o Concílio Vaticano II ocorreram mudanças de maior impacto.

O Concílio Ecumênico Vaticano II começou no dia 11 de outubro de 1962 na basílica de São Pedro, no Vaticano, e contou com a presença de 2540 padres conciliares com direito a

¹⁰ Cf. COSTA, 2014, p. 12-13.

¹¹ Cf. COSTA, 2014, p. 13.

¹² FISCHMANN, Roseli. *Estado laico, educação, tolerância e cidadania: para uma análise da concordata Brasil-Santa Sé*. São Paulo: Factash, 2012. p. 16.

¹³ Cf. FISCHMANN, 2012, p. 16-17.

¹⁴ Cf. COSTA, 2014, p. 13.

voto. O Papa João XXIII, que convocou o concílio, não viu seu término, falecendo no dia 3 de junho de 1963.¹⁵ A tarefa de concretizar as reformas propostas e concluir o concílio ficou a cargo do Papa Paulo VI.

É importante destacar que a Cúria romana foi avessa ao Concílio, e os Papas João XXIII e Paulo VI sofreram severas críticas e enfrentaram sérias resistências por parte do aparato burocrático do Vaticano.¹⁶ As mudanças eram encaradas como ruptura com a tradição secular da Igreja Católica, seguida pelo Pontífice Pio XII, que antecedeu esses dois Papas e era conservador e abertamente anticomunista.

Na perspectiva de agir sob o método de revisão de vida ‘Ver, Julgar e Agir’, o Papa João XXIII “decidiu por seguir uma maneira mais rápida para realizar os princípios e diretrizes pastorais do método da Igreja no mundo,¹⁷ para que fosse possível atualizar a mensagem da Igreja aos tempos modernos, mantendo a fidelidade ao conteúdo da fé.”¹⁸

Na verdade, o Vaticano II não foi uma maneira direta de atender às aspirações modernistas, mas possibilitou realizar um projeto de *aggiornamento*/atualização de que a Igreja precisava. Esse trabalho, que inclui reforma, mudança, renovação, era entendido como uma das condições imprescindíveis para que a Igreja cumprisse com fidelidade a sua missão,¹⁹ oficializando o diálogo com o mundo moderno e reconhecendo os direitos humanos como referência ética, política e jurídica.

Na *Mater et Magistra* (MM),²⁰ o Papa João XXIII comunicou qual seria a orientação do Concílio Ecumênico Vaticano II, ressaltando a eficácia do método de revisão de vida ‘Ver, Julgar e Agir’, já aplicado nas ações pastorais da juventude católica belga, no que se refere à relação da Igreja com a sociedade.²¹ Batista²² afirma que o método conquista sua relevância na prática libertadora, escolhendo um instrumental de análise da realidade estrutural-dialético e transformando a própria hermenêutica teológica, em concerto com uma práxis pastoral e política voltada à libertação.

¹⁵ Cf. SOUZA, Ney de; GOMES, Edgar da Silva. Os papas do Vaticano II e o diálogo com a sociedade contemporânea. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 44, n. 1, p. 5-27, jan./abr., 2014. p. 16.

¹⁶ Cf. SOUZA, 2014, p. 17.

¹⁷ Cf. SOUZA, José Neivaldo. A *Laudato Si'* na perspectiva do método: “ver, julgar e agir”. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 48, n. 1, p. 145-161, jan./abr., 2016. p. 146.

¹⁸ WOLFF, 2014, p. 543.

¹⁹ Cf. WOLFF, 2014, p. 543.

²⁰ Em português ‘Mãe e Mestre’, refere-se a uma carta encíclica do Papa João XXIII, sobre a recente evolução da Questão Social à luz da Doutrina Cristã. Foi publicada em 15 de maio de 1961, no septuagésimo aniversário da encíclica *Rerum Novarum* e no terceiro ano do pontificado de João XXIII. Cf. WIKIPÉDIA. *Mater et Magistra*. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mater_et_Magistra>. Acesso em: 23 set. 2017.

²¹ Cf. SOUZA, 2016, p. 146.

²² Cf. BAPTISTA, Paulo Agostinho Nogueira. Religião, política e Teologia da Libertação: trajetória e desafios. *Pistis Praxis*, Curitiba, v. 6, n. 1, p. 229-254, jan./abr., 2014. p. 245.

O método ‘Ver, Julgar e Agir’ buscava harmonizar as três fases específicas: observar a situação, analisá-la à luz dos princípios e diretrizes cristãs, e determinar as ações segundo a emergência e as exigências da realidade.²³ As Comunidades Eclesiais de Base se orientam pelo método, que funciona na prática em modo dialético. O ‘Ver’ é um olhar integral para a realidade sócio-político-econômica. Utilizando esse método a teologia cristã busca ser hermenêutica,²⁴ ou seja, pretende deixar de ser simplesmente tradutora da tradição para ser *aggiornamento*/atualização da ação de Jesus de Nazaré no meio dos pobres.

No ‘Julgar’ analisam-se as Sagradas Escrituras, como também se buscam luz e orientações nas doutrinas da Igreja e nos valores éticos oferecidos pela cultura cristã. De modo geral, consiste na leitura do problema identificado pelo ‘Ver’, mediante uma ótica cristã, ou seja, na confrontação da questão com a leitura da Bíblia. O ‘Agir’ aponta para uma ecologia integral e mostra linhas de ações concretas construídas a partir dos diálogos políticos, da educação e das espiritualidades.²⁵

Esse método não funciona de modo linear, como se cada momento estivesse separado do outro ou em sequências estanques de eterno retorno ao ver-julgar-agir. Baseado no princípio bíblico de que a fé sem ação é morta, o ‘Agir’ é o momento em que tudo que foi visto e julgado pelos militantes católicos adquire sentido prático. O método propõe para cada trabalho a montagem de um projeto detalhado e com objetivos claros, na perspectiva de garantir que a ação seja realmente alcançada.

A proposta do método de revisão de vida era fazer frente à dificuldade da Igreja de estabelecimento de um diálogo mais aberto com o contexto social moderno.²⁶ Com isso, as ideias do Papa João XXIII foram reconhecidas e deflagraram vários movimentos, que demonstraram que o Concílio Vaticano II não se restringia a um plano abstrato, mas engendrava muitas correntes de ação.²⁷

Ao lidar com a liberdade de consciência, O Concílio Vaticano II afirmou o direito da pessoa de agir segundo a norma reta da sua consciência, e o dever de não agir contra ela. Nela está o ‘sacrário da pessoa’, onde Deus está presente e se manifesta. Pela fidelidade à voz da consciência, os cristãos estão unidos aos outros homens no dever

²³ Cf. SOUZA, 2016, p. 146.

²⁴ Cf. SOUZA, 2016, p. 147.

²⁵ Cf. SOUZA, 2016, p. 147.

²⁶ Cf. BONATO, Massimo. *A crise pós-Concílio Vaticano II: declínio ou renascimento do catolicismo?*. Disponível em: <<http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article/viewFile/493/480>>. Acesso em: 6 ago. 2016.

²⁷ Cf. BONATO, acesso em: 6 ago. 2016.

de buscar a verdade, e de nela resolver os problemas morais da vida individual e social.²⁸

O Concílio Vaticano II também inovou com a renúncia dos bispos, a ser apresentada quando inaptos para exercer o ministério por idade avançada ou outro motivo grave. O Papa Paulo VI logo fixou essa idade em 75 anos. Até então, os bispos não renunciavam. O papa também é bispo (de Roma) e pode estar menos apto para o ministério pelos mesmos motivos. No entanto, a renúncia papal era mais complexa.²⁹

Bento XVI (Cardeal Joseph Ratzinger),³⁰ por sua vez, tratou da renúncia de maneira muito objetiva e assertiva,³¹ anunciando-a em 11 de fevereiro de 2013³² e efetivando-a em 28 de fevereiro do mesmo ano, tendo exercido um pontificado relativamente curto.³³ Bento XVI foi o primeiro papa a renunciar depois de Gregório XII, em 1415.³⁴ A renúncia chocou o mundo católico, representando mais que uma decisão pessoal, com a geração de uma grave crise na Igreja Católica, que levou à necessidade de um reordenamento e de mudanças profundas na Instituição.

Além disso, Bento XVI alegou não ter mais forças corporais e espirituais para cumprir adequadamente a sua missão,³⁵ deixando o papado para o bem da Igreja. A magnitude do gesto não escondeu a gravidade do motivo que o levou a renunciar, mesmo reconhecendo que estaria se expondo a julgamentos internos e externos à Igreja.³⁶ A renúncia foi resultado de um processo de desgaste moral do Vaticano e da alta cúpula hierárquica,³⁷ que expôs a Igreja ao juízo público, com escândalos financeiros, morais e sexuais envolvendo padres e outros religiosos.³⁸

²⁸ LIMA, Luis Corrêa. A Renúncia do Papa e a História da Igreja. *Atualidade Teológica*, a. 17, n. 43, p. 201-207, jan./abr., 2013. p. 205.

²⁹ Cf. LIMA, 2013, p. 205-206.

³⁰ A escolha do nome Bento XVI revela as intenções do papa, pois remete ao último papa que utilizou tal nome – Bento XV – e a São Bento. Bento XV regeu a igreja durante a Primeira Grande Guerra Mundial e buscou incessantemente o fim do conflito. Cf. VERSIEUX, B. H. *O legado político de João Paulo II e a eleição de Bento XVI*. Disponível em: <www.pucminas.br/imagdb/.../CES_ARQ_DESCR20060302114109.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2016.

³¹ Cf. LIMA, 2013, p. 206.

³² Foi o ato mais simbólico de Bento XVI como bispo de Roma e uma novidade para os tempos modernos, já que a última renúncia papal ocorrera em 1415, com Gregório XII. Cf. TEIXEIRA, Faustino. Bento XVI: alcances e limites de seu pontificado. In: PASSOS, 2013, p. 72.

³³ Cf. TEIXEIRA, 2013, p. 72.

³⁴ Cf. KONING, Johan; DE MORI, Geraldo Luiz. O Papa da conversão e da misericórdia. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 48, n. 1, p. 11-16, jan./abr., 2016. p. 11.

³⁵ Cf. VALENTINI, Demétrio. Prefácio. In: PASSOS, 2013, p. 11.

³⁶ Cf. PASSOS, 2013, p. 19.

³⁷ Cf. PASSOS, João Décio. Uma reforma na Igreja: rumos e projetos. In: PASSOS, 2013, p. 88.

³⁸ PASSOS, 2013, p. 22.

A crise da Igreja Católica desafiou a instituição a dar um passo à frente, admitindo novas realidades emergentes no interior e no exterior, descentrando-se de si mesma e acolhendo novos valores como autonomia, subjetividade, alteridade e gratuidade.³⁹ A renúncia desmascarou as rupturas abissais na Igreja Católica e a escolha de um novo chefe do catolicismo foi a saída encontrada para dar uma resposta a uma Igreja em crise moral e política, que chegou à Cúria Romana.⁴⁰

Diante dessa crise, o Cardeal Jorge Mario Bergoglio foi eleito Papa, adotando o nome de Francisco de maneira inesperada, e logo sinalizando com gestos e palavras⁴¹ o diálogo e a abertura, com postura, valores e opções pastorais que suscitaram uma esperança de retomada da renovação eclesial. Com o Papa Francisco, o conceito de reforma entra na rotina da Igreja Católica. Desde o Concílio Vaticano II⁴² a instituição não havia vivenciado tão profundas reformas.⁴³

O rompimento da solidez hierárquica tricêntrica veio do Concílio Vaticano II, pela grandeza do discurso inaugural de João XXIII,⁴⁴ que indicou pautas aos padres conciliares, para que não se limitassem a repetir a doutrina e a condenar heresias, mas assumissem atitude ecumênica, pastoral e de diálogo. Após a Reforma luterana do século XVI, o entendimento de reforma passou a ser definido como um tabu no catolicismo.⁴⁵

O termo 'reforma' tem aqui o significado de renovação, mudança na forma de ser e de agir da Igreja. Trata-se de uma 'mudança na continuidade' da fé católica.⁴⁶ Para Passos e Soares⁴⁷ a renovação da Igreja contempla diferentes aspectos e retrocessos, dada a necessidade de enfrentamento de estruturas consolidadas e interesses diversos. A Igreja na atualidade interage intensamente com o político, em conformidade com seus interesses, como, por exemplo, na luta contra as inovações angariadas pela modernidade.

A segunda metade do século XIX e o início do século XX foram marcados por ideias reformadoras. Os bispos lutaram pela liberdade eclesial perante o Estado, prevalecendo o

³⁹ Cf. BRIGHENTI, 2013, p. 44.

⁴⁰ Na Cúria Romana estão os mais variados órgãos administrativos de cunho religioso e jurisdicional, a Secretaria de Estado e o Banco do Vaticano. Cf. ALBUQUERQUE FILHO, Clovis Antunes Carneiro de. Vaticano, Santa Sé e a Nunciatura Apostólica - Breves comentários. In: *Âmbito Jurídico*, Rio Grande, VIII, n. 21, maio, 2005. Disponível em: <http://www.ambitojuridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=563>. Acesso: 10 de out. 2017.

⁴¹ Cf. VALENTINI, 2013, p. 10.

⁴² A figura do Papa Francisco suscitou um leque de expectativas, que avalizam a esperança retomada do impulso de renovação proveniente do Concílio Vaticano II. Cf. VALENTINI, 2013, p. 11.

⁴³ Cf. WOLFF, 2014, p. 535.

⁴⁴ Cf. LIBANIO, 2013, p. 48.

⁴⁵ Cf. WOLFF, 2014, p. 535.

⁴⁶ Cf. WOLFF, 2014, p. 543.

⁴⁷ Cf. BRIGHENTI, 2013, p. 28.

idealismo de uma doutrina antiliberal e antimaçônica, na perspectiva de desenvolvimento de pastorais com valores cristãos, movidas pelo intuito de restaurar a moral religiosa no país.⁴⁸ Nessa época o positivismo, o liberalismo e o cientificismo, entre outras correntes, fundamentavam-se na ‘razão’, em oposição ao modelo tradicional, inspirado pela Igreja.

Essas novas ideias trouxeram vários questionamentos e debates acerca da união entre a Igreja e o Estado.⁴⁹ Para a geração de 1870, o país só alcançaria o progresso se a longa aliança entre o poder temporal e o espiritual fosse rompida; ou seja, os modernizadores objetivavam a laicização estatal, ao lado da emergência da liberdade de consciência e de atuação.

Com o subdesenvolvimento e as injustiças sociais denunciados amplamente nas conferências de Medellín (1968) e de Puebla (1979),⁵⁰ a recomendação dos bispos era que os cristãos latino-americanos deveriam combater e denunciar a situação de extrema desigualdade em suas comunidades,⁵¹ buscando construir e aperfeiçoar a comunidade cristã ainda neste mundo ao exercerem um papel político mais ativo, recusando uma reação meramente contemplativa diante das dificuldades e mazelas sociais. Cabe aqui expor parte do proposto pela Conferência de Medellín:

Não podemos deixar de interpretar este gigantesco esforço por uma rápida transformação e desenvolvimento como evidente sinal da presença do espírito que conduz a história dos homens e dos povos para sua vocação. Não podemos deixar de descobrir nesta vontade, cada dia mais tenaz e apressada, de transformação dos vestígios da imagem de Deus no homem, como um potente dinamismo.⁵²

A Igreja Católica foi convocada a ser sinal para o Reino, e para o povo que luta em prol da libertação. Com isso, o homem foi guiado rumo a um dinamismo maior do que a própria natureza, indo ao encontro de valores novos que podem ser alcançados por mudanças e visões diferentes da vida religiosa.

⁴⁸ Cf. COSTA, 2014, p. 13.

⁴⁹ Cf. SOUZA, Maurício Severo de. A relação entre Igreja e Estado no Brasil do século XIX nas páginas d’O Novo Mundo (1870-1879). *Sacrilegens*, Juiz de Fora, v. 10, n. 2, p. 48-62, jul./dez., 2013. p. 54.

⁵⁰ Foi em Puebla (México) que foi realizada a terceira Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. Fins de 1976, no transcurso da XVI Assembleia do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM), celebrada em San Juan de Puerto Rico, Sebastião Cardeal Baggio, anunciou que Paulo VI tinha a intenção de convocar a III Conferência Geral. Cf. JOÃO PAULO II. *Discurso do Papa João Paulo II na solene sessão de abertura da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano*. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1979/january/documents/hf_jp-ii_spe_19790128_messico-puebla-episc-latam.html>. Acesso em: 19 set. 2017.

⁵¹ Cf. CATÃO, Francisco A. *O que é Teologia da Libertação?*. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 56.

⁵² GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação: perspectivas*. São Paulo: Loyola, 1996. p. 11-12.

Ribeiro⁵³ explica que o novo contexto econômico e político se firmou a partir das últimas décadas do século XX, quando ocorreram transformações na sociedade em âmbito mundial. Essas transformações desafiam a Igreja e os cristãos, principalmente no que se refere às formulações teóricas e às práticas pastorais inovadoras.

Essas mudanças, que datam da segunda metade do século XX, no Brasil e em toda a América Latina, provocaram transformações de âmbito político, econômico e social, em conjunto com as reivindicações de populares que lutavam por direitos e justiça para os pobres. Com isso, a Igreja Católica passou por importantes mudanças internas. Segundo Guimarães, mesmo que essas transformações não tenham sido homogêneas na Igreja, elas levaram ao abandono da postura conservadora e ao desempenho de uma função relevante junto aos mais oprimidos da América Latina e do Brasil.⁵⁴

Nas últimas décadas do século XX, o cenário social do Brasil estava marcado pelo êxodo rural e pelo aumento exacerbado e desordenado das cidades, diante da intensificação do capitalismo de produção em âmbito mundial. Isso fez com que a Igreja percebesse que não respondia satisfatoriamente à demanda dos fiéis, em suas contextualizações e dilemas.

No mundo contemporâneo predomina a negação dos laços de solidariedade, o que torna a sociedade mais individualista e fortalece os preconceitos contra os pobres. A globalização econômica, baseada nos monopólios sustentados por grupos e nações dominantes, é um sistema assimétrico.⁵⁵ Mesmo assim, muitas forças de cunho conservador já se revelam diante das rupturas éticas introduzidas pelo Papa Francisco, principalmente com o ideal de ‘Igreja dos pobres’, algo que se julgava ter desaparecido da igreja, após as censuras à Teologia da Libertação.⁵⁶

Diante dos fatos apresentados, é possível estabelecer um paralelo entre as dificuldades enfrentadas pelos Papas João XXIII e Paulo VI durante o Concílio Vaticano II na luta pela modernização da Igreja Católica e as tentativas de reformas do Papa Francisco, bem como as diversas resistências do clero na atualidade.

A programática reformadora do carisma do Papa Francisco tem pela frente uma história entristecedora de oposições e pressões, em nome de privilégios conquistados e da

⁵³ Cf. RIBEIRO, Cláudio de Oliveira. *A Teologia da Libertação morreu?: Reino de Deus e espiritualidade hoje*. São Paulo: Fonte Editorial, 2010. p. 7.

⁵⁴ Cf. GUIMARÃES, Luiz Ernesto. *A teologia da libertação e o contexto latino-americano*. Disponível em: <http://www.pjmp.org/subsidios_arquivos/pjmp/enfojan_2015/DOC-7-A-TEOLOGIA-DA-LIBERTACAO-E-O-CO-NTEXTO-LATINO-AMERICANO.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2016.

⁵⁵ Cf. RIBEIRO, 2010, p. 9.

⁵⁶ Cf. PASSOS, 2013, p. 24.

passividade da conservação.⁵⁷ Mas havia ainda um forte preceito sob o entendimento de uma ideologia conservadora, principalmente para aqueles mais ligados aos movimentos de origem religiosa que surgiram na segunda metade do século XIX e início do século XX.

1.2 O Concílio Vaticano II

As transformações iniciadas no pontificado do Papa Francisco visando modificar as estruturas da Igreja Católica para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo têm uma longa tradição cuja referência pode ser buscada no Concílio Vaticano II. As reformas que até hoje orientam a Igreja Católica em direção à modernidade e ainda estão em vigor são fundamentais para a compreensão deste estudo.

As mudanças patrocinadas pelos Papas reformadores nem sempre contaram com o apoio amplo de setores do clero, e muitas resistências e discussões acirradas aconteciam nos bastidores do Vaticano. As disputas no campo das ideias frequentemente são desconhecidas pelo grande público.

Em 28 de outubro de 1958, com a morte de Pio XII, elegeu-se como Papa o Cardeal Ângelo Roncalli, com o nome de João XXIII. Após os *Pios*, *Gregórios* e *Leões*, um Papa do século XX se apresentou com um nome bíblico, 'João XXIII', que se referia a um dos doze Apóstolos de Jesus Cristo.⁵⁸ Esse ato apontava para os tempos antigos da Igreja.

O Papa João XXIII foi um papa de 'transição', até porque, com seus 77 anos, seu papado durou de 28 de outubro de 1958 até 3 de junho de 1963, quando se deu um dos acontecimentos mais relevantes da Igreja de todos os tempos:⁵⁹ a convocação do Concílio Vaticano II. João XXIII convocou esse concílio em 1961, no dia 25 de dezembro, por meio da Constituição Apostólica *Humanae salutis*, para se ocupar da 'salvação humana': onde a fé busca compreensão.

O tradicionalismo oficial e a busca de prestígio universal foram características marcantes do pontificado de Pio XII (1939-1958). O catolicismo romanizado era, na maioria das vezes, estranho e contrário às necessidades reais do povo. Com o Concílio Vaticano II, a Igreja passou a produzir uma nova leitura de fé, vida e prática religiosa, dirigindo-se a um novo sujeito com anseios e questionamentos relacionados à sua condição existencial.⁶⁰ E o

⁵⁷ Cf. PASSOS, 2013, p. 24-25.

⁵⁸ Cf. BECKÄUSER, Frei Alberto. *Sacrosanctum Concilium*: Edição Jubilar. São Paulo: Vozes, 2013. p. 9.

⁵⁹ Cf. BECKÄUSER, 2013, p. 9.

⁶⁰ Cf. COSTA, 2014, p. 44.

episcopado deu condições para as necessidades reais das comunidades e se empenhou na luta por mais justiça social.

Em 1958, com a morte do Papa Pio XII, autoritário e centralizador, e a eleição de João XXIII, iniciou-se a caminhada rumo à maior revisão religiosa de que se tem notícia no catolicismo,⁶¹ que culminou com o Concílio Vaticano II, unindo as tendências anteriores que pediam e sugeriam propostas de mudanças, impensadas até então.

O Concílio Vaticano II trouxe importantes mudanças ao seio do catolicismo.⁶² As reorientações, principalmente na questão litúrgica, provocaram um rompimento com o período em que ocorreram fortes movimentos religiosos na história eclesiástica e crises que repercutem até hoje. O Concílio Vaticano II dispõe, em uma de suas decisões, um dos seus documentos,⁶³ a *Gaudium et Spes*, considerada a Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo atual:

CAPÍTULO II - A COMUNIDADE HUMANA

23. Entre os principais aspectos do mundo atual conta-se a multiplicação das relações entre os homens, cujo desenvolvimento é muito favorecido pelos progressos técnicos hodiernos. Todavia, o diálogo fraterno entre os homens não se realiza ao nível destes progressos, mas ao nível mais profundo da comunidade de pessoas, a qual exige o mútuo respeito da sua plena dignidade espiritual. A revelação cristã favorece poderosamente esta comunhão entre as pessoas, ao mesmo tempo que nos leva a uma compreensão mais profunda das leis da vida social que o Criador inscreveu na natureza espiritual e moral do homem.⁶⁴

Com o anúncio do Concílio Vaticano II, o Papa João XXIII revelou explicitamente a sua intenção de “abrir as janelas da Igreja a fim de deixar entrar nela um ar fresco do mundo exterior”,⁶⁵ repudiando gradualmente a postura condenatória, voltando-se para o diálogo e a conciliação e referindo-se à vivência original da experiência dos cristãos em busca de organização para todos os homens. Como dispõe o próêmio da *Gaudium et Spes*:

⁶¹ Cf. JOSAPHAT, Frei Carlos. *Catolicismo brasileiro: e por fim se move*. In: PAIVA, Angela Randolpho (Org.). *Católico, protestante, cidadão: uma comparação entre Brasil e Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. p. 155.

⁶² DIAS, Juliano Alves. *Sacrificium Laudis: a hermenêutica da continuidade de Bento XVI e o retorno do catolicismo tradicional (1969-2009)*. São Paulo: UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 28.

⁶³ Cf. O Concílio resultou em 16 documentos, que se agrupam desta forma: quatro constituições (os de maior importância), nove decretos e três declarações. As constituições são: Constituição sobre a sagrada liturgia (*Sacrosanctum Concilium* (SC), 4.12.1963); Constituição dogmática sobre a Igreja (*Lumen gentium* (LG), 21.11.1964); Constituição dogmática sobre a revelação divina (*Dei Verbum* (DV), 18.11.1965); Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo atual (*Gaudium et spes* (GS), 7.12.1965) (SNPC, 2012a, p. 1).

⁶⁴ SECRETARIADO NACIONAL DA PASTORAL DA CULTURA. *Concílio Vaticano II: origem e documentos*. 2015. Disponível em: <http://www.snpcultura.org/concilio_vaticano_ii_origem_e_documentos.htm>. Acesso em: 6 ago. 2017.

⁶⁵ VEIGA, Alfredo César da. *A Igreja e os usos políticos do passado*. 2010. Disponível em: <<http://www.historica.arquivostado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao20/materia02/texto02.pdf>>. Acesso em: 29 jul. 2017.

A quem se dirige o Concílio: todos os homens.

2. Por isso, o Concílio Vaticano II, tendo investigado mais profundamente o mistério da Igreja, não hesita agora em dirigir a sua palavra, não já apenas aos filhos da Igreja e a quantos invocam o nome de Cristo, mas a todos os homens. Deseja expor-lhes o seu modo de conceber a presença e atividade da Igreja no mundo de hoje.

Tem, portanto, diante dos olhos o mundo dos homens, ou seja, a inteira família humana, com todas as realidades no meio das quais vive; esse mundo que é teatro da história da humanidade, marcado pelo seu engenho, pelas suas derrotas e vitórias; mundo, que os cristãos acreditam ser criado e conservado pelo amor do Criador; caído, sem dúvida, sob a escravidão do pecado, mas libertado pela cruz e ressurreição de Cristo, vencedor do poder do maligno; mundo, finalmente, destinado, segundo o desígnio de Deus, a ser transformado e alcançar a própria realização.⁶⁶

É importante esclarecer, conforme explicita Azevedo, que por vários séculos, a Igreja manteve o entendimento de que a modernidade é um movimento anticatólico, que remonta à Reforma protestante, ao Iluminismo e à Revolução Francesa.⁶⁷ Essa visão contrária da modernidade foi levada ao extremo pelo tradicionalismo católico. No entanto, o Concílio Vaticano II contraria essa perspectiva:

O Concílio Ecumênico Vaticano II é, portanto, a principal chave para a compreensão da atual situação da Igreja Católica Apostólica Romana. Convocado por João XXIII (1958-1963) e concluído por Paulo VI, foi uma tentativa de a Igreja Católica apresentar-se ao mundo moderno, no qual a religião era questionada diante do desenvolvimento científico e do crescente antropocentrismo.⁶⁸

A finalidade do Concílio Vaticano II era promover uma renovação eclesial, rompendo com a mentalidade conservadora da tradição cristã para estabelecer uma nova hermenêutica teológica-pastoral, mas mantendo o auxílio de instrumentos novos de análise da realidade que implicavam uma autocompreensão de sua ação no mundo,⁶⁹ conciliando a atuação e a presença da Igreja com os tempos modernos. A proposta de João XXIII era pensar a fé de maneira que ela pudesse se tornar importante para o homem moderno.

Essa renovação eclesial surgiu diante da necessidade de enfrentar as crises de consenso da comunidade cristã, em relação à doutrina ou à prática. Essa crise iniciou quando o carisma da Igreja começou a ser rotinizado, sem a força consensual espontânea e mesmo a força da palavra do líder ou dos líderes da primeira geração.⁷⁰ Foi necessário que a razão passasse a ser uma forma de esclarecer, fundamentar e definir o que deveria ser aceito como

⁶⁶ SECRETARIADO NACIONAL DA PASTORAL DA CULTURA, acesso em: 6 ago. 2017.

⁶⁷ Cf. AZEVEDO, Dermi. *Desafios estratégicos da Igreja Católica*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ln/n60/a04n60>>. Acesso em: 6 ago. 2016.

⁶⁸ DIAS, 2010, p. 28.

⁶⁹ Cf. MENDES, Vitor Hugo. Vaticano II: a modernidade da Igreja em um contexto de mudanças. *Encontros Teológicos*, Florianópolis, a. 27, n. 2, p. 139-163, 2012. p. 152.

⁷⁰ Cf. PASSOS, João Décio. *Concílio Vaticano II: reflexões sobre um carisma em curso*. São Paulo: Paulus, 2014. p. 6.

bom e verdadeiro pela comunidade de fé, para voltar a ser fiel às suas origens e como uma maneira de preservar aceso o carisma necessário para a fé cristã.

É necessário ressaltar que nem tudo que foi formulado como doutrina de fé precisou do Concílio para fazê-lo, explica Passos.⁷¹ A maior tradição do Concílio está em dispor de conteúdos que recebem sua autoridade por outros meios institucionalizadores, que vão colhendo como verdade de fé, e constituindo os espontâneos consensos construídos na comunidade cristã. Catão explica: “o Concílio é um ponto de referência fundamental para a teologia da libertação e não é à toa que as correntes normalizadoras, que prevalecem em certos ambientes, tendem a deixá-lo na sombra”.⁷² Por isso ele foi considerado uma nova etapa para a Igreja Católica.

O Concílio assume resolutamente a centralidade antropológica na Constituição sobre a Igreja no mundo contemporâneo [...]. Partindo da situação do homem no mundo moderno, responde à vocação do homem com uma antropologia em chave cristã que, por sua vez, termina em reflexões sobre o mistério de Cristo, iluminador da realidade do homem.⁷³

A liberdade religiosa conferida ao homem pelo Concílio Vaticano II tem como fundamento a dignidade da pessoa humana, na autonomia de conhecer a Palavra de Deus e na sua razão. A base é Jesus Cristo, salvador do mundo, como revela o *Sacrosanctum Concilium*, Constituição Conciliar, no Capítulo I:

CAPÍTULO I
PRINCÍPIOS GERAIS EM ORDEM - À REFORMA E INCREMENTO DA LITURGIA
I -NATUREZA DA SAGRADA LITURGIA E SUA IMPORTÂNCIA NA VIDA DA IGREJA

Jesus Cristo salvador do mundo

5. Deus quer que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade (I Tim. 2,4), tendo falado outrora muitas vezes e de muitos modos aos nossos pais pelos profetas (Hebr. 1,1), quando chegou a plenitude dos tempos, enviou o Seu Filho, Verbo feito carne, ungido pelo Espírito Santo, a evangelizar os pobres, curar os contritos de coração, como médico da carne e do espírito, mediador entre Deus e os homens. A sua humanidade foi, na unidade da pessoa do Verbo, o instrumento da nossa salvação. Por isso, em Cristo se realizou plenamente a nossa reconciliação e se nos deu a plenitude do culto divino.⁷⁴

A Igreja se constitui basicamente de cristãos que acolhem a palavra de Deus na fé e vivem no amor e da esperança do Reino. Com o Concílio buscou-se uma maior aproximação

⁷¹ Cf. PASSOS, 2014, p. 5.

⁷² CATÃO, 1985, p. 37.

⁷³ PINHO, Arnaldo. O Concílio Vaticano II e a Modernidade. *Humanística e Teologia*, Porto, v. 34, n. 1, p. 133-142, 2013. p. 135.

⁷⁴ SECRETARIADO NACIONAL DA PASTORAL DA CULTURA, acesso em: 6 ago. 2017.

com os leigos, passando a adotar uma eclesiologia da comunidade, na qual a Igreja é antes de tudo uma comunidade de cristãos.⁷⁵

1.3 Mudanças na Igreja Católica

O catolicismo no Brasil tem suas especificidades, pois o regime que funcionou inicialmente foi o do Padroado.⁷⁶ A Igreja passou a ser controlada não apenas pelo Papa, mas recebeu influência também do Estado, na figura do imperador. Cabe lembrar que o catolicismo, religião oficial durante o período colonial e também no tempo do Império, teve ligações com o Estado e foi fundamental no processo de colonização.

A Igreja Católica teve ampla participação na conquista colonial, garantindo a catequização dos índios e possibilitando a construção de vários colégios e das Santas Casas de Misericórdia;⁷⁷ por outro lado, a instituição foi responsável pela imposição da fé aos colonizados: os índios e escravos africanos serviram à Igreja Católica e a uma política de Estado.

No decorrer do século XX mudanças importantes processaram-se na Igreja Católica, com sua maior preocupação com a questão social, e na medida em que os índices de violência, desemprego e fome aumentaram no mundo inteiro. Essa tendência ganhou espaço particularmente no período que abrange as duas Guerras Mundiais pela hegemonia do capitalismo, de 1914 a 1945.⁷⁸

No Brasil, no período de 1945 a 1959, a Igreja Católica passa a apoiar os populismos, no início como reação ao comunismo⁷⁹ inerente à Guerra Fria.⁸⁰ Desde 1954, em alguns países, o povo começa a afastar-se de tais governos, e para não ser derrotada junto com eles, a Igreja se reposiciona. Em fins dos anos 1950, a Igreja se reorganiza em nível nacional e pela

⁷⁵ Cf. CATÃO, 1985, p. 37.

⁷⁶ Cf. CULTURAL. *Enciclopedia Larrousse*. São Paulo: Nova Cultural, 1995. p. 4380.

⁷⁷ Cf. FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo. EDUSP, 1996. p. 59-60.

⁷⁸ Cf. DUSSEL, Enrique. *História da igreja latino-americana (1930 a 1985)*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1989. p. 11.

⁷⁹ O fenômeno do anticomunismo diz respeito a uma postura de oposição sistemática ao comunismo ou àquilo que com ele se identifica, uma oposição que se adapta a diferentes realidades e se manifesta por meio de representações e práticas diversas. O anticomunismo é o conjunto das atividades praticadas por grupos diversos, que constroem e se guiam por um conjunto de representações que tem sido chamado de imaginário anticomunista. Trata-se de atividades como produção de propaganda, controle e ação policial, estratégias educacionais, pregações religiosas, organização de grupos de ativistas e de manifestações públicas, atuação no Legislativo, etc. Cf. RODEGHERO, 2002, p. 464.

⁸⁰ A Guerra Fria se caracterizava como um momento hostil de tensão prolongada. Distintos elementos contribuem para sua eclosão, a que se podem atribuir causas expansionistas – relacionadas à ascensão da União Soviética na esfera militar e ideológica, internas – pautadas pelo contexto social em nível doméstico, e até mesmo sistêmicas, definidas pelas exigências da conjuntura internacional em função da balança de poder que passou a se estabelecer à época. Cf. ALMEIDA, 2012, p. 11.

primeira vez, em nível latino-americano, para transformar-se em uma protagonista dos períodos posteriores.⁸¹

A partir dos anos 1960, dois acontecimentos importantes influenciaram um envolvimento maior de parte do clero católico com a questão social no país: o Concílio Vaticano II e o Golpe Militar de 1964.⁸² Esses acontecimentos caracterizaram o surgimento de movimentos de contestação, principalmente a partir de 1968, pelo Ato Institucional nº 5 (AI-5) com o fechamento do Congresso e o fim das liberdades democráticas no país. Nesse período histórico no Brasil, várias matrizes influenciaram a posição dos clérigos frente às ações dos militares. Na fase do AI-5, muitos foram torturados e sequestrados, e muitos militantes cristãos foram assassinados.

Para Dussel, na fase do AI-5, Tito de Alencar e Frei Betto padeceram por quatro anos na prisão, com alguns anos de torturas, o que levou o primeiro ao suicídio, mais tarde. Os padres Rodolfo Lunkenbein e João Bosco Penido Burnier foram assassinados, e condenados os padres Aristides Camio e François Gouriou a 15 e 10 anos de prisão, respectivamente, por seu compromisso com os camponeses em São Geraldo do Araguaia.⁸³

O autor acrescenta que o Cardeal Dom Paulo Evaristo Arns liderou a presença da Igreja no mundo operário industrial, urbano e intelectual universitário. As greves metalúrgicas receberam total apoio da Igreja de São Paulo.⁸⁴ Dom Pedro Casaldáliga conduziu o movimento camponês do sertão pobre e faminto no V Encontro Intereclesial das Comunidades de Base, em Canindé. Com o advento da República no Brasil separaram-se formalmente Igreja e Estado,⁸⁵ mas a Igreja Católica continuou interferindo na política, com estrutura ainda muito importante. Essa sua participação na política permaneceu com a presença de muitos religiosos nos órgãos de poder. Uma forte influência da Igreja Católica no campo educacional também se fazia notar.

⁸¹ Cf. DUSSEL, 1989, p. 13-14.

⁸² CAMILO, Rodrigo Augusto Leão. A Teologia da Libertação no Brasil: das formulações iniciais de sua doutrina aos novos desafios da atualidade. II Seminário de Pesquisa da Faculdade de Ciências Sociais, 2011, Goiás. *Diálogos entre graduação e pós-graduação*. Disponível em: <[https://anais.cienciassociais.ufg.br/up/253/o/Rodri go_Augusto_Leao_Camilo.pdf](https://anais.cienciassociais.ufg.br/up/253/o/Rodri_go_Augusto_Leao_Camilo.pdf)>. Acesso em: 30 ago. 2017.

⁸³ DUSSEL, 1989, p. 76-77.

⁸⁴ Cf. DUSSEL, 1989, p. 77.

⁸⁵ A questão religiosa brasileira foi um conflito que ocorreu na década de 1870 e foi iniciado com um enfrentamento entre a Igreja Católica e a Maçonaria, que acabou se tornando uma grave questão estatal. As causas podem ser delineadas desde muito tempo, fundadas em divergências irreconciliáveis entre o ultramontanismo, o liberalismo e o regime do padroado. A questão evoluiu centrada na atuação de dois bispos, Dom Vital e Dom Macedo Costa, fortes defensores do catolicismo ultramontano. Cf. WIKIPEDIA. *Questão religiosa*. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Quest%C3%A3o_religiosa>. Acesso em: 28 ago. 2017.

Foi na Segunda Conferência de Medellín, em 1968, na Colômbia,⁸⁶ que os bispos elaboraram um documento denunciando as condições de extrema pobreza das populações da América Latina, que viviam nessa época sob regimes ditatoriais,⁸⁷ os quais impediam qualquer forma de contestação social, perseguindo os grupos progressistas.⁸⁸ Os ditadores latino-americanos recebiam apoio dos governos norte-americanos, por meio dos organismos de segurança e inteligência que ajudavam na repressão e também com o auxílio de técnicos que implantavam políticas econômicas para atender aos interesses do império do norte.

A situação de extrema pobreza e exploração na América latina passou a ser uma preocupação dos padres e bispos, que à luz dos evangelhos, observavam que era fundamental uma mudança de mentalidade, pois a Igreja Católica deveria procurar novos caminhos e uma nova teologia. Até então, prevalecia uma teologia apologética dogmática, que dava uma receita moral sem responder aos problemas cotidianos⁸⁹ e às questões sociais.

Segundo Telles,⁹⁰ a questão social é o ângulo pelo qual a sociedade pode ser lida, descrita, problematizada em sua história, dilemas e perspectivas de futuro. Essa questão envolve o entendimento de que a modernidade condiciona a pobreza, e isso é inevitável. A autora complementa:

Entre os resíduos do atraso de tempos passados e as determinações da moderna economia integrada nos circuitos globalizados do mercado, a pobreza é projetada para fora de uma esfera propriamente política de deliberação, já que pertinente a supostas leis inescapáveis da economia.⁹¹

O modelo de sociedade voltado à pobreza, com os padres conciliares mantendo seus idealismos ainda voltados para uma sociedade no estilo europeu, fez com que os bispos latino-americanos, ao retornarem a Roma, convocassem a primeira reunião do episcopado latino-americano, para propor a instauração das reformas e adaptações aos moldes das sociedades latino-americanas. Nestas, os cristãos revolucionários⁹² se conscientizaram de que mesmo que

⁸⁶ O objetivo da Conferência de Medellín era fazer uma releitura dos documentos do Concílio Vaticano II, com o pensamento voltado para a realidade da América Latina, à luz da realidade em que vivia a população latino-americana. Cf. PRADO, Luiz Ricardo. *Conferência de Medellín*. Disponível em: <<http://irmandadedosmar.tires.blogspot.com.br/2015/08/conferencia-de-medellin.html>>. Acesso em: 8 set. 2017.

⁸⁷ Cf. CATÃO, 1985, p. 57.

⁸⁸ Cf. CATÃO, 1985, p. 57.

⁸⁹ Cf. CATÃO, 1985, p. 30.

⁹⁰ Cf. TELLES, Vera da Silva. Questão social: afinal, do que se trata?. In: TELLES, Vera da Silva (Org.). *Pobreza e cidadania*. São Paulo: Editora 34, 2001. p. 85.

⁹¹ TELLES, 2001, p. 86.

⁹² Refere-se a um amplo movimento de cristãos católicos conhecido como “esquerda católica”. Os cristãos revolucionários formavam movimentos marcados pela efervescência de suas proposituras e pelas descobertas profundas ao entorno do dado de que a história, o grande ato do drama humano, é o lugar onde principia a

a ideia cristã de amor não seja seu monopólio, isso implica que uma teoria cristã de revolução, no entanto, é a sua contribuição em prol da formação do homem novo na sociedade socialista.

Já o pensamento dos teóricos marxistas, no que se refere a essa contribuição, começa a se generalizar entre os marxistas europeus, os especialistas na problemática religiosa. Na sociedade socialista, a consideração sobre o amor visto de maneira cristã terá sempre vigência, mesmo que deixe de ser patrimônio dos cristãos.

Para Catão, o catolicismo oficial adotado na América Latina pelos colonizadores portugueses e espanhóis demandava dos fiéis mais obediência do que compreensão do papel do cristão, vigorando também a exigência do cumprimento de certos formalismos e mandamentos da Igreja, mais do que propriamente a conversão interior e do coração. Essas são algumas características do catolicismo oficial que se coadunava mais com as propostas e imposições do Estado colonizador.⁹³

Tais atitudes da Igreja Católica se distanciam das premissas de um cristianismo original que tem por base valores como solidariedade e respeito ao próximo. Essa é a função ideológica da Teologia da Libertação, principalmente na América Latina, onde os cristãos revolucionários se exprimem por essa ideologia, em sentido oposto ao científico,⁹⁴ segundo uma visão de mundo voltada para a prática social que guia e normaliza a conduta social.

Convém lembrar que durante a primeira metade do século XX no Brasil, a Igreja Católica permaneceu próxima dos setores oligárquicos e tradicionais da sociedade. Aliás, nota-se mesmo em determinados momentos, uma atuação ao lado do Estado, por exemplo: quando foi instaurada a pastoral coletiva contra o comunismo em 1937.⁹⁵

Por outro lado, já na segunda metade do século XX, parte do clero passa por um processo de renovação se aproximando dos segmentos populares e até mesmo participando na luta por melhores condições de vida ao lado dos marginalizados.⁹⁶

É o que se observa com a organização das CEBs e o surgimento da Teologia da Libertação no capítulo a seguir.

salvação. Cf. SILVA, Wellington Teodoro da. Sobre os cristãos e a revolução. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 5, n. 10, p. 11-15, jun., 2007. p. 11.

⁹³ Cf. CATÃO, 1985, p. 53.

⁹⁴ Cf. CATÃO, 1985, p. 53.

⁹⁵ Cf. DUSSEL, 1989, p. 21.

⁹⁶ Cf. DUSSEL, 1989, p. 39.

2 A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO: CONTEXTO HISTÓRICO E AS CEBs

Este capítulo tem por objetivo explicar o tema da Teologia da Libertação, abordando sua origem, conceitos e princípios. A Teologia da Libertação é considerada uma expressão de sensibilidade, que surgiu na história da teologia, rompendo com os tradicionais conceitos da Igreja institucional e introduzindo na história da Igreja ideias de igualdade social e direitos humanos. Na perspectiva de compreender as influências desta teologia, objetiva-se estudar o pontificado de Francisco e tem-se como proposta também, abordar o processo de organização e atuação das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) acerca do aspecto religioso e das mudanças políticas e sociais na América Latina.

2.1 A Teologia da Libertação e as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs)

O surgimento da Teologia da Libertação enquanto corpo de textos escritos nos anos 70, tem uma história anterior com diversos movimentos que surgiram no final dos anos 50, dentre eles os movimentos religiosos laicos, como por exemplo: Juventude Operária Católica (JOC), Juventude Universitária Católica (JUC), Ação Católica, redes pastorais de base popular, associações de moradores e diversos sindicatos de camponeses e operários.⁹⁷

Além disso, deve-se ressaltar que movimentos como a JOC passaram a ter uma participação maior não apenas na vida religiosa, mas também na luta por reformas sociais que melhorassem as condições dos trabalhadores nesse período.⁹⁸ Esse movimento ligado a Ação Católica brasileira surge em 1948, porém com a radicalização da esquerda católica nos anos 60, tais setores vão partir até mesmo para movimentos de luta armada.⁹⁹

É importante destacar que os movimentos populares e os grupos cristãos surgiram no momento em que as bases materiais e reais possibilitaram uma atmosfera de grande criatividade na América Latina com diversos nomes importantes, tanto do lado católico como do lado protestante, por exemplo: Rubem Alves, Gustavo Gutiérrez, Juan Luís Segundo, Lúcio Gera, Emílio Castro, José Miguel Bonino, dentre outros.¹⁰⁰

⁹⁷ Cf. LÖWY, Michael. *A guerra dos deuses: religião e política na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 56-57.

⁹⁸ Cf. MURARO, Valmir Francisco. *Juventude Operária Católica*. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 51.

⁹⁹ Cf. MURARO, 1985, p. 56.

¹⁰⁰ BOFF, Leonardo; BOFF, Clodovis. *Como fazer Teologia da Libertação?* 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 97.

A expressão Teologia da Libertação remonta a uma conferência proferida por Gustavo Gutiérrez,¹⁰¹ sacerdote católico peruano, em 1968, em Chimbote, no norte do Peru.¹⁰² Concebida como ‘nova forma de ser Igreja’, vinculada às possibilidades de transformação social e política identificadas, principalmente entre os anos 1960 e 1980, tem como uma das referências principais a busca de uma sociedade igualitária, participativa e firmada nos princípios da justiça social.¹⁰³ Esse contexto foi propiciado pelo Concílio Vaticano II e Medellín, quando a nova teologia rompe com essa compreensão da relação da Igreja com o Estado.

A Teologia da Libertação surgiu em resposta à contradição, na América Latina, entre a pobreza extrema e a fé cristã da maioria de sua população.¹⁰⁴ Gutiérrez¹⁰⁵ explica que há alguns anos predominava na América Latina um ponto de vista diferente: a situação do subdesenvolvimento é cada vez mais amenizada, resultado de um processo histórico voltado ao desenvolvimento e à expansão, como ocorre nos grandes países capitalistas. O subdesenvolvimento dos países pobres, como fator global, aparece como subproduto histórico do desenvolvimento de outros países.

Segundo Libanio, o termo libertação aparece desde os primeiros momentos, atribuído a Gustavo Gutiérrez. No entanto, a expressão já existia no horizonte da teologia. O teólogo negro americano J. Cone intitulara a sua teologia negra de libertação.¹⁰⁶ Rubem Alves concluiu sua tese doutoral em 1968 e a publicou no ano seguinte, com o título *A theology of human hope*, descrevendo como havia pensado em intitulá-la ‘Teologia da libertação’. O editor, entretanto, não achou o título mercadologicamente sugestivo.

Libanio explica que a terminologia Teologia da Esperança, de J. Moltmann, marcava mais o horizonte, daí deslocar o título para a esperança. Desde o início já se apreciava o conceito de libertação. O berço semântico recua à teoria da dependência, elaborada por

¹⁰¹ O termo Teologia da Libertação foi título do livro de Gustavo Gutiérrez, *Teologia de la liberación*, de 1971, que adquiriu notoriedade em todo o mundo. A décima edição, em 1992, é precedida de uma ampla introdução, em que o autor explica o significado de alguns termos passíveis de mal-entendidos, como, por exemplo, opção preferencial pelos pobres, luta de classes, teoria da dependência e pecado estrutural e social. Com isso, Gutiérrez desmonta também, de modo convincente, as acusações levantadas contra ele de horizontalismo e imanentização do cristianismo. Cf. MÜLLER, Gerhard Luedwig. *Pobre para os pobres: a missão da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2014. p. 35.

¹⁰² Cf. MÜLLER, 2014, p. 34.

¹⁰³ Cf. RIBEIRO, 2010, p. 29.

¹⁰⁴ Cf. NORONHA, Cejana Uiara Assis. Teologia da libertação: origem e desenvolvimento. *Fragments de Cultura*, Goiânia, v. 22, n. 2, p. 185-191, abr./jun., 2012. p. 186.

¹⁰⁵ Cf. GUTIÉRREZ, 1996, p. 137.

¹⁰⁶ Cf. LIBANIO, João Batista. Teologia em revisão crítica. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 11, n. 32, p. 1328-1356, out./dez., 2013. p. 1335.

intelectuais na leitura crítica e marxista não dogmática dos processos de reprodução do subdesenvolvimento na periferia do capitalismo mundial.¹⁰⁷

Em crítica ao desenvolvimentismo, afirmava-se que ele reforçava a dependência, quer no interior do país, das classes populares em relação às classes dominantes, quer no exterior, fazendo os países em desenvolvimento dependerem dos polos econômicos centrais.¹⁰⁸ Em oposição a tal dependência, cabe libertação e não simples desenvolvimento.

Para Gutiérrez, a aspiração da Teologia da Libertação de livramento de toda forma de escravidão, chamada por João Paulo II de ‘algo nobre e válido’ (Sollicitudo n. 46), assim como a ativa presença do Evangelho nos cristãos que compartilham esse anseio, deu lugar a uma busca e uma prática nas quais está arraigada uma compreensão da fé posta a serviço da tarefa evangelizadora da Igreja.¹⁰⁹

Segundo Clara, a religião na filosofia da Libertação passa a ter foco mais acadêmico nas décadas de 1960 e 1970, com destaque para o viés ético e cultural e para uma leitura de Marx. A partir daí a base do pensamento libertário foi lançada, com instrumental hermenêutico mediante símbolos e sabedoria cultural, além da vertente marxista voltada para a política e para a economia.¹¹⁰

A base marxista de crítica social ao capitalismo pode ser descoberta e utilizada como instrumento de análise da realidade.¹¹¹ Com isso, aproximaram-se os envolvidos com a Teologia da Libertação e os movimentos socialistas e marxistas, sem que, com isso, necessariamente se abrisse mão da perspectiva teológica da reflexão feita.

Explica Gotay:

Na Europa dão-se as condições teóricas, mas não as condições materiais; no resto do ‘Terceiro Mundo’ dão-se as condições materiais, mas não se dão as condições teóricas porque não são predominantemente cristãos. A América Latina é o único lugar onde coincidem ambas as condições para tornar possível o desenvolvimento desta mutação.¹¹²

O crescimento na América Latina ocorreu pela dinâmica da economia capitalista, que leva ao estabelecimento de um centro e de uma periferia, e gera, de modo simultâneo, o

¹⁰⁷ Cf. LIBANIO, 2013, p. 1335.

¹⁰⁸ Cf. LIBANIO, 2013, p. 1335.

¹⁰⁹ Cf. GUTIÉRREZ, 1996, p. 47-48.

¹¹⁰ Cf. CLARA, Nilton da Silva Santa. *Enrique Dussel: filosofia, teologia e libertação*. São Paulo: Fonte Editorial, 2014. p. 37.

¹¹¹ Cf. MANZATTO, 2015, p. 186.

¹¹² Cf. GOTAY, Samuel Silva. *O pensamento cristão revolucionário na América Latina e no Caribe: implicações da Teologia da Libertação para a Sociologia da Religião*. São Paulo: Paulinas, 1985. p. 297.

progresso e a crescente riqueza para a minoria, e desequilíbrios sociais, tensões políticas e pobreza para a maioria.

Como explica Gotay, a ideia é de que a realidade científica deve se unir à política, porque é preciso conhecimento para transformar com eficácia. É um conhecimento estratégico gerado pela pergunta da fé, e esse caráter praxeológico da fé converte a reflexão teológica da Teologia da Libertação em outra coisa diferente daquilo que a tarefa teológica foi até agora.¹¹³

Gotay acrescenta:

A teologia da libertação não constitui uma moda teológica. Também não é uma reflexão teológica 'sobre a libertação', como se esta fosse uma teologia especializada relacionada com uma sistemática geral. Trata-se da reestruturação total da teologia como atividade teórica. Trata-se de uma revolução teórica que terá implicações para todos os temas e ênfases teológicos. Trata-se de uma nova metodologia com outra problemática.¹¹⁴

Com isso, tomar a práxis de libertação dos pobres como ponto de partida da teologia não é algo periférico ou de segundo plano, mas o fazer teológico de uma nova ética. Perante essa nova ética, o homem passa a ocupar o lugar central da atividade da fé.¹¹⁵ O religioso, como diz Gutiérrez, é valorizado pelo seu significado para o homem. O homem, nessa nova ética, é fundamentado dos valores, e não no Deus transcendente da teologia idealista.

Para saber quem é esse homem que se valoriza como bem supremo, é necessário dizer que na fé cristã existe um compromisso radical com o pobre oprimido, o perseguido e o explorado, contextualiza Noronha.¹¹⁶ Esse homem pobre e oprimido outorga-se a necessidade prioritária de libertação. Na concepção de Boff:

Viver a fé em Jesus Cristo Libertador supõe um compromisso com a libertação histórica dos oprimidos. A partir de um compromisso real (lugar social) se procura dar relevância a todas as dimensões libertadoras presentes no mistério de Jesus Cristo. Enfatiza-se a prática libertadora do Jesus histórico, pois como Filho encarnado proclamou uma determinada mensagem e se comportou de tal forma que tinha como efeito a produção de uma alvissareira atmosfera de liberdade para todo o povo.¹¹⁷

Esse entendimento se fundamenta quando o cristão deixa de ser dominado pelas tentações da sociedade, na busca pela libertação. Até porque a Teologia da Libertação foi o processo que rompeu os tradicionais conceitos da Igreja institucional, introduzindo na história

¹¹³ Cf. GOTAY, 1984, p. 291.

¹¹⁴ GOTAY, 1984, p. 291.

¹¹⁵ Cf. GOTAY, 1984, p. 255.

¹¹⁶ Cf. NORONHA, 2012, p. 185.

¹¹⁷ BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador*. São Paulo: Vozes, 1986. p. 11.

da Igreja idealismos voltados para a igualdade social e os direitos humanos, tecendo contextos voltados para si, tendo como herança lemas como igualdade, liberdade e fraternidade, oriundos da Revolução Francesa.¹¹⁸ Como descreve O'Malley:

o grito 'Liberdade! Igualdade! Fraternidade!', da Revolução Francesa, virou o paradigma hierárquico que fundamentara a sociedade ocidental até aquele momento. Ele derrubou os poderosos de seus tronos. Se algum monarca retornou, frequentemente foi por pouco tempo e, certamente, com direitos e deveres drasticamente podados.¹¹⁹

Esses dilemas se conectam com o materialismo burguês do século XVIII, que se opunha à nobreza, e com seu desenvolvimento religioso, protestante ou católico, que objetivava poder fundamentar filosoficamente o modo de produção capitalista.¹²⁰ Engels é citado, nesse contexto, como exemplo, para afirmar que a matéria é uma infinita e eterna massa, retornando sem fim sobre si mesma, provendo tudo e fundamentando o homem e sua história. Dussel afirma que esse tipo de materialismo se refere a um tipo de legitimação e justificação que o Estado detém sobre o povo.¹²¹

Quando o Estado negou a religião burguesa e a religião feudal, absolutizou-se com uma aparência antirreligiosa. No entanto, exerce uma função que tinha sobre as religiões anteriores.¹²² O Estado passa a ser a nova divindade que justifica e consagra tudo. O que ocorria era o culto das classes dominantes sob o conteúdo prático, econômico e político, forjando a ideologia doutrinária.

Com o decorrer dos anos, passou-se a ter uma conscientização maior de como a religião opera nos meandros da política e da economia, e de como se fundamenta em uma filosofia totalitária fruto de estudo dos pensadores que contraditoriamente lutam e lutaram pela libertação de uma sociedade sem opressão. O contrário de liberdade é a alienação, e ser alienado é negar a própria libertação.¹²³

Na contemporaneidade muito se discute a atual situação da Teologia da Libertação. Comenta-se sua defasagem, crise, pertinência, relevância, oportunidade, etc. O fato é que por um lado importa a realidade ou o episódio a que ela remete; por outro, perdeu-se sua

¹¹⁸ Cf. NORONHA, 2012, p. 185.

¹¹⁹ O'MALLEY, John. Vaticano II: a crise, a resolução, o fator Francisco. *Cadernos de Teologia Pública*, São Leopoldo, a. 12, n. 94, v. 12, p. 1-29, 2004. p. 10.

¹²⁰ Cf. CLARA, 2014, p. 45.

¹²¹ Cf. CLARA, 2014, p. 46.

¹²² Cf. CLARA, 2014, p. 46.

¹²³ Cf. CLARA, 2014, p. 47.

atualização e a maioria se recusa a aceitar esse fato, e muitos insistem no passado para se manterem alienados.¹²⁴

De um lado importam os interesses por trás das distintas posturas dessa discussão, que reside em afirmar ou não um jeito de viver e pensar na fé e de ser Igreja, com grandes implicações e consequências na sociedade e na própria Igreja. O que se discute é a afirmação ou negação de determinado dinamismo eclesial e social que não deixa de ameaçar ou pelo menos de incomodar certos interesses sociais e eclesiais.¹²⁵

Cabe destacar que a Teologia da Libertação é inerente à partilha dessa fé na comunidade eclesial e em toda a comunidade cristã. O padre Gustavo Gutiérrez, sacerdote católico peruano, foi um dos fundadores da Teologia da Libertação. Hoje ele é muito respeitado na Igreja Católica, com textos muito elogiados no Vaticano. Baptista¹²⁶ explica que o livro de Gutiérrez foi considerado o registro de nascimento da Teologia da Libertação, com o título *Teologia da Libertação: perspectivas*. O livro foi lançado em 1971, no Peru, e aborda a busca de respostas para o questionamento da relação entre a salvação e o processo histórico de libertação do homem.

De acordo com Gutiérrez, graças a ela torna-se possível erguer o edifício da teologia, no sentido preciso e técnico do termo. Não é o único ponto de partida, mas é o solo de reflexão teológica, tenaz e permanente, que deita suas raízes e do qual extrai seu vigor.¹²⁷ Segundo Baptista,¹²⁸ da mesma maneira, política e religião na Teologia da Libertação se encontram de maneira crítica. Em 1974, Leonardo Boff escreve o livro *Teologia do cativo e da libertação*.

No limiar da crítica da visão desenvolvimentista,¹²⁹ em destaque em todo o mundo a partir da Segunda Guerra Mundial, os teólogos da libertação passam a apresentar um

¹²⁴ AQUINO JÚNIOR, Francisco de. *Teoria teológica: sobre o método da teoria da libertação*. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 15.

¹²⁵ Cf. AQUINO JÚNIOR, 2012, p. 15.

¹²⁶ Cf. BAPTISTA, 2014, p. 234.

¹²⁷ Cf. GUTIÉRREZ, 1996, p. 57.

¹²⁸ Cf. BAPTISTA, 2014, p. 234.

¹²⁹ Desenvolvimentista faz parte da mesma família de termos como 'ortodoxia', 'neoliberalismo' e 'keynesianismo', que servem para designar alternativamente duas coisas por certo indissociáveis, mas que não são exatamente o mesmo, nem do ponto de vista epistemológico, nem na prática cotidiana: um fenômeno do 'mundo material', ou seja, um conjunto de práticas de política econômica propostas e/ou executadas pelos formuladores de políticas; e um fenômeno do 'mundo do pensamento', ou seja, um conjunto de ideias que se propõem expressar teorias, concepções ou visões de mundo. Mesmo que a ideologia e as experiências históricas desenvolvimentistas tenham uma longa história, cuja gênese remonta a meados do século XIX, foi a partir da Grande Depressão da década de 1930 que tomaram vulto em boa parte dos países latino-americanos, destacadamente Argentina, Brasil, Chile e México, mas também Colômbia, Peru, Uruguai e Venezuela, para mencionar os casos mais típicos. Já o pensamento econômico teórico só se consolidou nas décadas de 1950 e 1960. Para tanto, foi fundamental a criação da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal) e sua capacidade para catalisar e difundir trabalhos clássicos de nomes como Raul Prebisch, Celso Furtado, Aníbal

entendimento diferente, principalmente após o surgimento da Comissão Econômica para a América Latina e Caribe (CEPAL),¹³⁰ que, desde a década de 1950, revela que o subdesenvolvimento é um problema estrutural. Leonardo Boff esclarece que “a consciência aguda dos mecanismos que mantêm a América Latina no subdesenvolvimento entendido como dependência e dominação levou a falar-se em libertação”.¹³¹

Antes de ser uma teoria bem elaborada e formulada, a Teologia da Libertação é um dinamismo eclesial, e antes de tudo uma ‘práxis teológica’. É uma maneira de viver e celebrar a fé, e um jeito de intervir e atuar na sociedade,¹³² de configurar a vida individual e coletiva, eclesial e social, etc. É a maneira de viver e agir de Jesus Cristo.

As CEBs são comunidades de natureza religiosa e caráter pastoral formadas por todo o continente latino-americano. A base dessas comunidades é o mundo dos pobres, onde se pratica uma ação pastoral social e política da Igreja, em seu espírito simples e humilde, assim como o compromisso social, em favor dos empobrecidos. Lima comenta: “As pessoas envolvidas nessas comunidades possuem as mesmas motivações psicossociais, que buscam, através da reflexão do Evangelho, um futuro melhor em comunhão com Cristo”.¹³³

As CEBs se caracterizam como ‘comunidades’, por reunir pessoas com a mesma fé, são pertencentes à mesma Igreja e moram na mesma região. Essas pessoas são motivadas pela fé, vivem em uma comum-união em torno de seus problemas de sobrevivência, de moradia, de lutas por melhores condições de vida e de anseios e esperanças libertadoras. Elas também se caracterizam como ‘eclesiais’, por serem congregadas na Igreja, como núcleos básicos de comunidade de fé; são de ‘base’, porque são integradas por pessoas que trabalham com as próprias mãos (classes populares). Na zona rural, abrangem os assalariados agrícolas, posseiros, pequenos proprietários, arrendatários, peões, familiares e comunidades indígenas.¹³⁴

Betto afirma que as CEBs são pequenos grupos organizados em torno da paróquia ou capela, por iniciativa de leigos, padres ou bispos. As primeiras CEBs surgiram por volta dos anos 1960, em Nísia Floresta, arquidiocese de Natal, segundo alguns pesquisadores, ou em

Pinto, Osvaldo Sunkel, Maria da Conceição Tavares e José Medina Echevarría, entre outros. Cf. INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. *Texto para discussão*. Brasília: Rio de Janeiro: IPEA, 1990. p. 8.

¹³⁰ É um órgão regional das Nações Unidas ligado ao Conselho Econômico e Social, criado em 1948 com o desígnio de elaborar estudos e alternativas para o desenvolvimento dos países latino-americanos. Cf. SANDRONI, Paulo. *Novíssimo dicionário de economia*. 11. ed. São Paulo: Best Seller, 2003. p. 90.

¹³¹ BOFF, Leonardo. *Teologia do cativo e da libertação*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1980. p. 17.

¹³² Cf. AQUINO JÚNIOR, 2012, p. 18.

¹³³ LIMA, Delcio Monteiro de. *Os demônios descem do norte*. 5. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1987. p. 22.

¹³⁴ Cf. BETTO, Frei. *O que é Comunidade Eclesial de Base?*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981. p. 17.

Volta Redonda, segundo outros. As CEBs são de caráter pastoral ou religioso e podem ter dez, vinte ou cinquenta membros. Nas paróquias de periferia, as comunidades podem estar distribuídas em pequenos grupos ou formar um único grupo denominado comunidade eclesial de base. Na zona rural, cem ou duzentas pessoas se reúnem numa capela aos domingos para celebrar o culto.¹³⁵

A CEB não é um movimento, é uma nova forma de ser Igreja.¹³⁶ As CEBs visam alcançar:

a transformação do mundo e da sociedade, necessária para ultrapassar a injustiça e a dominação, deve ser feita pela atividade política. A conversão do coração de cada crente não é suficiente para transformar o mundo, porque há estruturas sociais que não dependem dele e que não são apenas formadas pelo cidadão, mas também o formam.¹³⁷

As CEBs atuam conforme a necessidade de recursos de cada comunidade, desenvolvendo atividades profissionalizantes, como cursos de corte e costura, manicure, marcenaria, culinária, etc. É comum formar mutirões para a construção de moradias populares, escolas fundamentais, postos médicos, etc., além do trabalho de promoção comunitária.¹³⁸

A ação política das CEBs, no contexto em que vivem as comunidades, visa estabelecer coerência com o que se crê, aproximando a fé da vida cotidiana e enxergando nela seus desdobramentos e repercussões. Nota-se que a mera sequência de princípios doutrinários ou o seguimento de rituais não são suficientes para concretizar a prática cristã, que assume características de incidência sobre a real questão social.¹³⁹

A questão social pode ser caracterizada pela inquietação em relação à capacidade de manter a coesão da sociedade. A ameaça de rompimento se apresenta por meio de grupos cuja existência abala a coesão do conjunto.¹⁴⁰ Com isso, o fator social trata de sistemas de regulações não mercantis e é observado entre o sistema econômico e a organização política, evidenciando a necessidade de elaboração de sistemas regulatórios não mercantis, na perspectiva de preencher esse espaço.

¹³⁵ Cf. BETTO, 1981, p. 16.

¹³⁶ Cf. LIMA, 1987, p. 26.

¹³⁷ MANZATTO, 2015, p. 191.

¹³⁸ Cf. LIMA, 1987, p. 24.

¹³⁹ Cf. MANZATTO, 2015, p. 191.

¹⁴⁰ Cf. CASTEL, Robert. *As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 112.

Retomando a questão da Teologia da Libertação, Aquino Júnior expõe a explicação de Gustavo Gutiérrez a respeito do tema:

não nos propõe tanto um tema novo para a reflexão, mas uma maneira nova de fazer teologia; ela pretende tratar da 'práxis teologal' em sua totalidade, sem se reduzir a nenhum de seus aspectos ou dimensões, por mais que a urgência sociopastoral a obrigue a dar maior atenção a questões socioeconômicas, de gênero, cultura etc.¹⁴¹

Por esse motivo, ao abordar a Teologia da Libertação, pensa-se nas CEBs, nas pastorais sociais, nos grupos eclesiais que destacam ainda mais a dimensão da prática social da fé e nos cristãos engajados nos movimentos e lutas populares, ou de alguma maneira, sensíveis e solidários a essas causas. As CEBs e as pastorais sociais se consolidaram por todo o Brasil, ao longo da década de 1970, graças aos incentivos de padres, leigos e religiosas das paróquias localizadas nos bairros da periferia.¹⁴² Sua principal característica consiste em discutir os problemas sociais, valendo-se da leitura do Evangelho e exigindo do poder público respostas às questões do cotidiano dos cidadãos.

Nos anos 1970, as CEBs e a Teologia da Libertação, principalmente no Brasil, alicerçaram-se sobretudo a partir de duas experiências: a vivência de comunidades pobres no mundo rural, principalmente os pequenos lavradores, e as práticas dos sindicatos de trabalhadores, no contexto urbano. Ribeiro¹⁴³ explica que na vivência de comunidades pobres no mundo rural, revelou-se uma série de esforços em favor de uma reforma agrária e isso se deu principalmente em contraposição aos interesses de companhias agroindustriais e dos grandes detentores de terra.

A experiência sindical no contexto urbano concentrava-se na relação entre o capital e o trabalho, com questionamentos e propostas em relação às condições injustas de trabalho e uma melhor distribuição das riquezas. Em ambas as situações, os cristãos eram encorajados a pensar na sua vida em relação à fé bíblica.¹⁴⁴

Nessa perspectiva, as CEBs agem buscando atender ao compromisso de abolir a situação atual de injustiça e construir uma sociedade nova, com participação ativa e eficaz, na luta empreendida pelas classes sociais exploradas contra seus opressores. A libertação de toda forma de exploração é uma possibilidade de vida mais digna e humana.¹⁴⁵

¹⁴¹ AQUINO JÚNIOR, 2012, p. 19.

¹⁴² Cf. SILVA, Claudía Neves da. Igreja católica, assistência social e caridade: aproximações e divergências. *Sociologias*, Porto Alegre, a. 8, n. 15, p. 326-351, jan./jun., 2006. p. 332.

¹⁴³ Cf. RIBEIRO, 2010, p. 28.

¹⁴⁴ Cf. RIBEIRO, 2010, p. 28-29.

¹⁴⁵ Cf. GUTIÉRREZ, 1996, p. 365.

A partir dessas perspectivas, certamente esses grupos organizados são chamados para servir ao homem, como tal, e não apenas aos católicos, guardando os direitos da pessoa humana, e não apenas aos da Igreja Católica.

2.2 A contribuição social da Teologia da Libertação

A Teologia da Libertação encontra-se presente em diversas áreas da humanidade. No contexto da Igreja Católica, ela dispõe de lugar privilegiado em seus debates. Na carta aos bispos no Brasil, João Paulo II afirma:

A teologia da libertação não é apenas oportuna, mas útil e necessária. Ela deve constituir uma nova etapa, em estreita conexão com as anteriores, da reflexão iniciada com a Tradição apostólica e continuada com os grandes Padres e Doutores, com o Magistério ordinário e extraordinário e, mais recentemente, com o rico patrimônio da Doutrina Social da Igreja nos documentos que vão da *Rerum Novarum* à *Laborem Exercens*.¹⁴⁶

De acordo com Boff, “A Teologia da Libertação encontrou seu nascedouro na fé confrontada com a injustiça feita aos pobres”.¹⁴⁷ No Brasil, Boff é o teólogo que discute com autoridade as questões metodológicas e teológicas da Teologia da Libertação. Boff é considerado o teólogo responsável pelo desenvolvimento da linha interpretativa da fé e crítico do conservadorismo católico, então suas ideias ganharam mais centralidade com a nova maneira de administrar a Igreja proposta pelo Papa Francisco,¹⁴⁸ indo ao encontro de um dos princípios dessa teologia, a simplicidade e o tratamento igualitário com os pobres.

No Brasil, a Teologia da Libertação destaca Frei Carlos Mesters como um dos principais exegetas bíblicos, pelo seu pioneirismo no exercício de leitura bíblica. Gutiérrez definiu como ato o compromisso de fazer teologia: é como uma “reflexão da práxis da fé cristã à luz da Palavra de Deus”.¹⁴⁹ Não é o começo, não é, em si mesma, geradora de liberdade.

Dom Helder Câmara tornou-se símbolo dessa tendência teológica, fazendo com que a atitude paternalista de muitos católicos evoluísse para uma conscientização dos pobres,

¹⁴⁶ GUTIÉRREZ, 1996, p. 48.

¹⁴⁷ Cf. BOFF, 2010, p. 14.

¹⁴⁸ Cf. MILANI, Tatiani. Papa Francisco e as novas discussões da igreja frente à mídia. Anais do II Congresso Internacional das Faculdades EST, 2014, São Leopoldo. *Religião, mídia e cultura*. Disponível em: <<http://anais.est.edu.br/index.php/congresso/article/view/333/178>>. Acesso em: 11 set. 2017.

¹⁴⁹ SUSIN, Luiz Carlos. Teologia da Libertação: de onde viemos, para onde vamos?. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 11, n. 32, p. 1678-1691, out./dez., 2013. p. 1680.

alertados para as causas da pobreza: esta deixou de ser vista como ‘vontade de Deus’¹⁵⁰ e passou a ser considerada como fruto da distribuição desigual dos bens da natureza na sociedade humana.

Outros bispos fizeram parte desse movimento e várias igrejas de tradição protestante se juntaram, criando entidades ecumênicas de estudo e serviços ao povo. Muitos apoiaram o método de alfabetização de Paulo Freire, pelo qual milhares de adultos aprendiam a ler e interpretar não só as letras, mas a vida, a cultura, a história.¹⁵¹ Os estudantes participavam dessa tarefa com entusiasmo, mas o golpe militar tentou impedir esse processo, e em parte conseguiu.

Segundo Jung Mo Sung, a Teologia da Libertação, em geral, contempla diferentes análises, mas cinco delas são as mais importantes:

- a) A práxis da libertação dos pobres e o compromisso evangélico de outros setores sociais com eles. A consciência dessas práxis gera uma linguagem religiosa e teológica nova, oriunda de uma relação dialética entre práxis e a teoria presente na metodologia desse novo pensar teológico;
- b) A necessidade de análise de cunho científico da realidade social com os recursos da teoria da dependência, depois denominada mediações socioanalíticas;
- c) A consciência de condicionamento socioeconômico da teologia e da Igreja e a crítica de ambos a partir da ótica da libertação histórica dos pobres;
- d) A perspectiva de a reflexão teológica estar a serviço da transformação social, com indicações práticas e concretas de caminhos históricos de libertação sociopolítica. Nesse sentido, a Teologia da Libertação não se esgota no campo acadêmico;
- e) É o lugar central da economia na reflexão teológica, para estabelecer uma crítica ao messianismo tecnologista, às relações entre capital e trabalho, e vislumbrar alternativas de cunho socialista.¹⁵²

De acordo com Manzatto são vários os estudos sistemáticos abrangendo o tema, publicados em épocas diferentes. A Teologia da Libertação levantou muitas pesquisas em vários centros de formação. Por não ser uma teologia de genitivo, ou seja, não se preocupar em pensar teologicamente a libertação, mas repensar a teologia a partir do processo de libertação dos pobres, sua caracterização é bastante ampla e pluralista.¹⁵³

¹⁵⁰ Cf. SUSIN, 2013, p. 1680.

¹⁵¹ Cf. NORONHA, 2012, p. 189.

¹⁵² Cf. JUNG MO SUNG *apud* RIBEIRO, 2010, p. 29.

¹⁵³ Cf. MANZATTO, 2015, p. 185.

Na Teologia da Libertação existe certo grau de pluralidade segundo o enfoque dado, segundo o campo teológico específico estudado e a maneira como for elaborada a teologia de diferentes autores.¹⁵⁴ A pluralidade deu condições, em várias situações, para que se dissesse que não há uma só Teologia da Libertação, mas várias, de modo que sua pluralidade deriva, por exemplo, da multiplicidade de autores, como se cada um elaborasse uma teologia própria.

Autores não se reconhecem em classificações segundo diferentes critérios. Contudo, existe, ao menos, certa identidade entre elas no que corresponde a aspectos relacionados à sua metodologia, à opção pelos pobres e à sua pastoralidade, e por esse motivo, pode-se abordar a Teologia da Libertação abrindo mão da utilização do plural. Existe certo consenso que permite assegurar uma metodologia própria da Teologia da Libertação como sendo a do ‘ver-julgar-agir’.¹⁵⁵

Este método próprio da Ação Católica repercutiu na teologia e foi por ela elevado à categoria de método teológico. Trata-se da necessidade de compreender o real, o contexto onde se vive, o mundo onde a Igreja está inserida e onde os cristãos vivem sua vida de fé. Quanto mais profundamente se conhecer este mundo onde se vive, mais pertinentes serão os apontamentos de ações que podem modificá-lo.¹⁵⁶

Por isso há necessidade de analisar o melhor possível a realidade, inclusive com apelo às ciências do social. É o que se convencionou chamar de mediação socioanalítica. De um modo geral, a Teologia da Libertação visa transformar a reflexão crítica sobre a práxis dos cristãos no processo histórico da libertação, na perspectiva da fé, como explica Gotay.¹⁵⁷ Consiste em converter em um tipo de reflexão científica e política sobre os temas da realidade latino-americana, convocada pelo questionamento da fé bíblica sobre a justiça e a igualdade do próximo oprimido e pobre.

2.3 Papa Francisco e a Teologia da Libertação

Jorge Mario Bergoglio – Papa Francisco – foi eleito como 266º Papa da Igreja Católica em 2013, sucedendo o Papa Bento XVI, que abdicou do papado. O Papa utiliza o nome de Francisco e é o primeiro latino-americano papa jesuíta da história.¹⁵⁸ As primeiras palavras do Papa Francisco já revelavam que surgiriam novidades inesperadas, de

¹⁵⁴ Cf. MANZATTO, 2015, p. 185.

¹⁵⁵ Cf. MANZATTO, 2015, p. 185-186.

¹⁵⁶ MANZATTO, 2015, p. 186.

¹⁵⁷ Cf. GOTAY, 1984, p. 290.

¹⁵⁸ Cf. MANZATTO, 2015, p. 195.

simplicidade e humanidade. Seu posicionamento inicial, admitido mais tarde, trouxe à tona o que o Concílio Vaticano II havia proposto há cinquenta anos. Manzatto explica:

Cabe sim reconhecer que Francisco toma como referência o Concílio Vaticano II e sua proposta eclesiológica, foca sua preocupação na ação pastoral da Igreja e traz para a Igreja universal aquilo que era próprio da Igreja latino-americana. Neste sentido o Papa é latino-americano não porque nasceu neste continente, mas porque em sua prática e em seu comportamento transparece aquilo que a teologia e a Igreja latino-americana vivem e testemunham.¹⁵⁹

O Papa Francisco foi arcebispo de Buenos Aires em 1998 e elevou-se ao cardinalato em 2001, com o título de Cardeal Presbítero de San Roberto Berlamino. Ao ser eleito, escolheu o nome Francisco, em referência a Francisco de Assis, em alusão à ‘sua simplicidade e dedicação aos pobres’, voltando-se para o tema da Igreja dos pobres.

Em relação ao método pastoral e teológico, o Papa Francisco utiliza o ver-julgar-agir, como a Teologia da Libertação. O Papa tem como opção a preferência pelos pobres, e suas atitudes se aproximam da Teologia da Libertação. Como ressalta Manzatto,¹⁶⁰ nas palavras do Papa, ‘não há dúvidas quanto ao lugar central dos pobres no pensamento e nas atitudes do papa’. ‘Eu quero uma Igreja pobre e para os pobres’, afirma ele, preocupado em fazer com que a Igreja seja como um ‘hospital de campanha’.

Para Ellacuría, a definição de Igreja dos pobres se revela como elemento crucial para a constituição dogmática da Igreja.¹⁶¹ No entendimento de Nogueira,¹⁶² a Igreja dos pobres é considerada o centro das preocupações, orientações pastorais e marca do ministério do Papa Francisco. Francisco, escolha inspirada no *poverello* de Assis.¹⁶³

O nome ‘Francisco’, suas afirmações e gestos revelam esse projeto: pobre no jeito de ser (vestimentas e expressões simbólico-rituais) e comprometido com os excluídos (proximidade física e prioridade pastoral). Uma análise panorâmica da *Evangelii Gaudium*

¹⁵⁹ MANZATTO, 2015, p. 196.

¹⁶⁰ Cf. MANZATTO, 2015, p. 198.

¹⁶¹ Cf. SOBRINO, Jon. *Fora dos pobres não há salvação: pequenos ensaios utópicos-proféticos*. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 36.

¹⁶² Cf. NOGUEIRA, Antônio Ronaldo Vieira. A Igreja dos pobres como nota da Igreja e marca da espiritualidade cristã: uma reflexão a partir de Jon Sobrino e do Papa Francisco. *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 51, p. 606-621, set./dez., 2015. p. 615.

¹⁶³ Pouco depois do conclave de 2013, Bergoglio, religioso de formação inaciana, fez questão de esclarecer que a escolha do nome Francisco homenageava o santo de Assis, ao contrário do que haviam apontado alguns repórteres e comentaristas, que explicaram a autonegação do novo pontífice como inspirada em conhecido santo jesuíta homônimo. Por fim, diga-se que o significado, as implicações e os eventuais limites do já célebre “franciscanismo papal” não poderão ser debatidos nessas páginas. Lacuna que, salientada, aponta futura intenção de estudo. Por hora, restringir-se-á aqui à conclusão e ao registro da recepção, por Boff, da eleição de Bergoglio e da homenagem deste último a Francisco de Assis. Cf. COSTA, 2016, p. 445.

esclarece como o Papa Francisco se propõe teológica e pastoralmente a Igreja dos pobres.¹⁶⁴ Como destaca Boff:

Francisco é um de nós. Transformou a Teologia da Libertação em propriedade comum da Igreja. E ele a estendeu. Quem hoje fala dos pobres, também tem que falar da terra, porque ela também está agora sendo saqueada e abusada. ‘Ouvir o grito dos pobres’, ou seja, ouvir o grito dos animais, das florestas, de toda a criação torturada. Toda a terra grita.¹⁶⁵

O Papa Francisco, em suas pregações, revela a necessidade de demolir os muros que dividem países e pessoas, e construir pontes capazes de diminuir as desigualdades.¹⁶⁶ Ele segue a missão mais antiga e fundamental da Igreja, manifesta pelo Concílio, seguindo os ensinamentos e pregações de João XXIII: “mostrar que a Igreja é mãe amorosa de todos, benigna, paciente, cheia de misericórdia e bondade”.¹⁶⁷

Como pressuposto irrenunciável, o Papa Francisco retoma a contribuição da Igreja latino-americana para o conjunto da Igreja: a opção pelos pobres engloba o lado cooperativo para resolver as causas de cunho estrutural da pobreza e promover o desenvolvimento integral dos pobres, como atitudes mais simples e diárias de solidariedade para com as misérias muito concretas encontradas.

Segundo Aquino Junior, as diretrizes são:

- a) Proximidade física dos pobres e esforço para socorrê-los em necessidades imediatas;
- b) Cuidado e assistência espiritual e abertura para perceber seu potencial evangelizador;
- c) Vivência e fortalecimento da cultura da solidariedade, que supõe a criação e uma nova mentalidade que pense em termos de comunidade, de prioridade da vida de todos sobre a apropriação dos bens por parte de alguns;
- d) Enfrentamento das causas estruturais da pobreza e injustiça no mundo, dizendo não a uma ‘economia da exclusão’, à ‘nova idolatria do dinheiro’, a ‘um dinheiro que governa em vez de servir’ e à ‘desigualdade social que gera violência’.¹⁶⁸

¹⁶⁴ Cf. NOGUEIRA, 2015, p. 615-616.

¹⁶⁵ Cf. BOFF, Leonardo. *Teólogo da Libertação Boff*: “Francisco é um de nós”. Disponível em: <http://www.sensusfidei.com.br/2016/12/27/teologo-da-libertacao-boff-francisco-eumdenos/?upm_export=pdf>. Acesso em: 6 mar. 2017.

¹⁶⁶ Cf. GONZÁLEZ-QUEVEDO, Luís. Jorge Mario Bergoglio/Papa Francisco: um testemunho. *Vida Pastoral*, São Paulo, a. 58, n. 316, p. 3-10, jul./ago., 2017. p. 6.

¹⁶⁷ O’MALLEY, 2004, p. 21.

¹⁶⁸ Cf. AQUINO JÚNIOR, Francisco de. “Uma Igreja pobre e para os pobres”: abordagem teológico-pastoral. *Pistis Praxis*, Curitiba, v. 8, n. 3, p. 631-657, set./dez., 2016. p. 647-649.

Para Manzatto, antes da viagem do Papa ao Brasil para a Jornada Mundial da Juventude, a primeira viagem fora de Roma foi à ilha de Lampedusa, onde aportam os refugiados africanos, aqueles excluídos até mesmo da preocupação das autoridades. A ida do Papa à ilha pôs a questão dos refugiados e de suas cruzes no centro da discussão que percorria o mundo e da atenção eclesial.¹⁶⁹

Com isso, deu-se seguimento aos ensinamentos do Papa Francisco inerentes à atenção especial aos pobres por sua força evangelizadora, que reside em sua fraqueza e sua pequenez, diante de quem a Igreja deve sempre estar pronta a oferecer uma ação solidária. Mas não é sem importância observar que o Papa Francisco dispõe de bons conhecimentos dos desdobramentos político-sociais da opção preferencial pelos pobres. A pregação do Papa volta-se para a conversão do coração em vista da prática da caridade, e com isso ele se distancia do entendimento de que sempre haverá pobres para serem objetos da caridade alheia, e também aponta para a dimensão social da evangelização. Como destaca Ellacuría:

esta civilização da pobreza está fundada num humanismo materialista, transformado pela luz e pela inspiração cristã, e eu gostaria de dizer uma palavra sobre esta última afirmação. Como pano de fundo da civilização da pobreza e sua capacidade de humanizar está a tradição bíblico-jesuânica.¹⁷⁰

O Papa já havia criticado arduamente o capitalismo, apontando-o como idolatria que promete salvação sem conseguir alcançar esse objetivo para todas as pessoas. Essa crítica propunha uma alternativa a esse modelo econômico, preconizando outro mais próximo da solidariedade, que permita a afirmação da dignidade de todas as pessoas humanas. O mistério dos pobres é anterior à missão eclesial, e essa missão é anterior a uma Igreja já constituída. Isso ecoa a ideia de J. Moltmann há muitos anos: “Não é a Igreja que ‘tem’ uma missão, mas o contrário, na missão de Cristo se cria uma Igreja. Não é a missão que deve ser compreendida a partir da Igreja, mas o contrário”.¹⁷¹ Nisso se define a própria identidade da Igreja. Isso significa que:

não é que já exista a Igreja e que, depois, se questiona o fazer para os pobres, é como se a Igreja já estivesse constituída formalmente com anterioridade à sua relação com eles, e como se o modo histórico de realizar essa questão não afetasse algo imprescindível da Igreja, a qual permaneceria intocável ao longo da história.¹⁷²

¹⁶⁹ Cf. MANZATTO, 2015, p. 198-199.

¹⁷⁰ SOBRINO, 2008, p. 37.

¹⁷¹ Cf. MOLTSMANN *apud* SOBRINO, 2008, p. 46.

¹⁷² SOBRINO, 2008, p. 46.

Na Igreja existem realidades prévias à opção pelos pobres, e é necessário manter como verdade central que a iniciativa provém do alto, do Deus que nos amou ‘primeiro’. Mas o mistério desse Deus e desse Cristo vai se revelando em direção aos pobres do mundo, de modo que se aprofundar na figura histórica do mistério dos pobres é se aprofundar também no mistério de Deus, e vice-versa.

Na opção pelos pobres se decide pela essência histórica da Igreja de Jesus. Estar diante dos pobres não exprime um mérito categórico da Igreja Católica, até porque já estaria formalmente constituída. Nesse caso, permanecem a radicalidade e a complexidade de fazer a opção pelos pobres para a Igreja, como ocorreu na Conferência de Medellín, quando o cardeal Giacomo Lercaro¹⁷³ lamentava-se: faltava algo ao Concílio, na perspectiva de encontrar uma maneira de atender aos mais necessitados e destacar a necessidade de envolver a consciência humana e a maneira de se perceber a fé cristã.¹⁷⁴

Aquino Júnior¹⁷⁵ acrescenta que em Medellín, a insistência/exigência evangélica do cardeal Lercaro de situar como centro e alma do trabalho doutrinal e legislativo do Concílio o mistério de Cristo nos pobres e a evangelização dos excluídos se tornou realidade e, assim, a Igreja de Jesus Cristo aparece, de fato, como ela é e como ela quer/deve ser: a Igreja de todos, mas, sobretudo, a Igreja dos pobres. Essa intuição fundamental foi sendo aprofundada, desenvolvida e formulada pela Teologia da Libertação de muitos modos e sob diversas perspectivas. E isso foi muito relevante para explicitar e fundamentar a densidade teológica da ‘Igreja dos pobres’ e para dinamizar pastoralmente a organização e a missão da Igreja Católica.

A Igreja Católica já pensava em determinados problemas sociais, e isso sempre foi importante para conciliar a pobreza e os rumos por ela tomados. A crítica ao sistema econômico agrupada à alusão à dimensão social da evangelização aponta para o compromisso sócio-político da vivência da fé cristã. Mesmo que ainda não se tenha pensado nos moldes tradicionais da Teologia da Libertação que se construíram nos anos 1980, o fato é que o Papa Francisco segue a mesma direção, falando de transformação do mundo e da realidade social onde se vive.

¹⁷³ O cardeal Lercaro, arcebispo de Bolonha, formado em Sagrada Escritura e perito em liturgia, é reconhecido pela sua liberdade de espírito, pobreza evangélica concreta e intensa fraternidade com os mais pobres durante toda a sua vida. É ainda memorável o seu discurso na primeira sessão conciliar, a 6 de dezembro de 1962, quando proferiu a expressão ‘Igreja dos pobres’, que viria a refletir-se na *Lumen gentium*. Cf. SECRETARIA NACIONAL DA PASTORAL DA CULTURA, acesso em: 8 out. 2017.

¹⁷⁴ Cf. SOBRINO, 2008, p. 49.

¹⁷⁵ Cf. AQUINO JÚNIOR, 2016, p. 640.

Como se pode verificar nos textos elaborados pelo Papa Francisco, existe a denúncia do culto ao dinheiro e a mentalidade de desperdício e esbanjamento que provoca a destruição do planeta e também a lógica da violência que produz o confronto, a divisão e a guerra. Esses ídolos do poder devem ser demolidos para a construção de uma sociedade mais justa.¹⁷⁶

Com efeito, esses temas já estavam presentes nas denúncias feitas por autores ligados à Teologia da Libertação quando destacavam a exploração e a dependência econômica entre as décadas de 60 e 80. Pois o que se buscava, era uma sociedade igualitária firmada nos princípios da justiça social.¹⁷⁷ É o que se verifica no capítulo seguinte.



¹⁷⁶ Cf. FRANCISCO. *A igreja da misericórdia: minha visão para a Igreja*. São Paulo: Paralela, 2014. p. 88-89.

¹⁷⁷ Cf. RIBEIRO, 2010, p. 29.

3 FRANCISCO E OS PRINCÍPIOS DA TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO

No presente capítulo pretende-se expor sumariamente o momento atual do pontificado do Papa Francisco, identificando as mudanças por ele preconizadas na Igreja Católica. Para muitos, Francisco se caracteriza pelos seus gestos de solidariedade e pelo resgate de antigos valores, pelo projeto de *aggiornamento*/atualização, apontado como condição imprescindível para que a Igreja cumpra com fidelidade a sua missão nos dias atuais. O foco de Francisco está na recuperação do protagonismo da Igreja Católica em temáticas sociais e políticas, reafirmando a preferência pelos pobres e excluídos e a defesa da vida do planeta.

3.1 As reformas propostas por Francisco

Temáticas como a reforma do Papado, no âmbito da Igreja, não eram assunto muito comum antes da chegada de Francisco. A Igreja se mantinha estável, em seus moldes hierárquicos organizacionais e em suas expressões diretas e legítimas de funcionamento teológico; ou seja, a instituição e o carisma compunham uma mesma e única realidade de fé, restando unicamente a adesão dos fiéis.

Até o momento atual, a reforma do Papa se processa de forma gradual, por uma Comissão constituída para esse objetivo.¹⁷⁸ O ponto principal da reforma é a Cúria,¹⁷⁹ como explicou Francisco, e é do âmago dessa reforma específica que poderá advir a tão esperada mudança.

A reforma inicial do Papa foram as exortações apostólicas pós-sinodais:¹⁸⁰ *Evangelii Gaudium* (a alegria do evangelho),¹⁸¹ em 2013; a Encíclica *Laudato Si'* (louvado sejas),¹⁸² em

¹⁷⁸ Essa reforma é bem diferente daquela feita por João XXIII, que convocou um Concílio para fazer o *aggiornamento* geral da Igreja Católica. Cf. PASSOS, João Décio. A reforma do Papado: primado na colegialidade. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 48, n. 1, p. 37-58, jan./abr., 2016. p. 39.

¹⁷⁹ Cf. PASSOS, 2016, p. 39.

¹⁸⁰ Os sínodos pós-conciliares, constituídos por representantes eleitos pelas conferências episcopais de todo o mundo, são um instrumento valioso de percepção das necessidades pastorais e do *sensus fidelium* da Igreja universal. Sua acolhida pelo Papa lhes garante um estatuto de unidade e universalidade, além de um lugar de destaque no magistério eclesial ordinário. Às vezes, membros da hierarquia se esquecem de que é a voz da Igreja toda que é assim escutada. Cf. PASSOS, 2016, p. 12.

¹⁸¹ A alegria do Evangelho – *Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual* – é o tema da XIII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, que tratou da *Nova Evangelização para a Transmissão da Fé*. O Papa Francisco recolheu as contribuições do Sínodo, reelaborando a temática para que fosse uma orientação para a Igreja nos próximos anos. Cf. BIANCHINI, Wagner Cardoso. *A alegria do evangelho e a eclesiologia do povo de Deus*. 2015. 112 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. p. 57.

¹⁸² *Laudato Si', mi' Signore* – Louvado sejas, meu Senhor, cantava São Francisco de Assis. Nesse gracioso cântico, recordava-nos que a nossa casa comum se pode comparar ora a uma irmã, com quem partilhamos a

2015; e *Amoris Laetitia* (sobre o amor na família),¹⁸³ em 2016. As exortações apostólicas pós-sinodais refletem as convicções pessoais do Papa Francisco, como também se voltam à evangelização e à família, enquanto outras reformas estão em curso.

A *Evangelii Gaudium* foi escrita para os membros da Igreja com o objetivo de mobilizá-los para um processo de reforma missionária ainda pendente. Nessa Exortação, Francisco pretende dialogar com todos acerca da casa em comum, a Igreja.¹⁸⁴ A *Evangelii Gaudium* evoca a alegria, dimensão que, por desconhecimento, não se costumava associar a documentos pontifícios. Evangelizar não é um dever que se impõe extrinsecamente, mas uma missão confiada a cada indivíduo para o bem que procura para se comunicar.¹⁸⁵ Segundo o Papa Francisco:

A alegria do evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Quantos se deixam salvar por Ele e são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento! Com Jesus Cristo, a alegria renasce sem cessar. Quero, com essa Exortação, dirigir-me aos fiéis cristãos a fim de convidá-los para uma nova etapa evangelizadora marcada por essa alegria e indicar caminhos para o percurso da Igreja nos próximos anos.¹⁸⁶

Na exortação *Evangelii Gaudium*, Francisco recorda duas condições basilares. A primeira é que a missão de evangelizar, sumariamente pessoal, é acima de tudo uma prática de Deus, tendo Jesus Cristo como o primeiro e maior evangelizador. Em segundo lugar, recorda que não se deve esquecer que o homem pertence a uma história viva que o acolhe e impele para diante.¹⁸⁷

Francisco alerta para a imperiosa necessidade de evangelizar as culturas para inculturar o Evangelho. Nos países de tradição católica, a perspectiva é acompanhar, cuidar e fortalecer as raízes que já existem e, nos países de outras tradições religiosas ou profundamente secularizados, há que procurar por novos processos de evangelização da cultura, ainda que sejam projetos de longo prazo. Entretanto, não se deve ignorar uma

existência, ora a uma boa mãe, que nos acolhe nos seus braços. Cf. FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato Si'*: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015. p. 3.

¹⁸³ *Amoris laetitia* – a Exortação apostólica pós-sinodal sobre o amor na família, datada, não por acaso, de 19 de março, Solenidade de S. José, recolhe os resultados de dois Sínodos sobre a família convocados pelo Papa Francisco em 2014 e 2015, cujos relatórios conclusivos são abundantemente citados, juntamente com documentos e ensinamentos dos seus predecessores e as numerosas catequeses sobre a família do próprio Papa Francisco. Cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA. *Síntese da exortação apostólica pós-sinodal Amoris laetitia sobre o amor na família*. Disponível em: <http://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/wp-content/uploads/AmorisLaetitia_resumo.pdf>. Acesso em: 8 out. 2017.

¹⁸⁴ Cf. FRANCISCO, 2015, p. 4.

¹⁸⁵ Cf. PASSOS, 2016, p. 12.

¹⁸⁶ FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulus; São Paulo: Loyola, 2013. p. 9.

¹⁸⁷ Cf. FRANCISCANOS. *Natureza e significado de "Documento" na Igreja*. Disponível em: <<http://www.franciscanos-rs.org.br/evangelii-gaudium/>>. Acesso em: 8 out. 2017.

chamada ao crescimento sempre presente: toda cultura e todo grupo social necessitam de purificação e amadurecimento.¹⁸⁸

A *Amoris Laetitia* recolhe os resultados de dois sínodos sobre a família convocadas pelo Papa em 2014 e 2015, sendo que suas relações conclusivas são muito citadas, juntamente com os documentos e ensinamentos dos seus predecessores e as numerosas catequeses sobre a família do próprio Papa Francisco.¹⁸⁹ A *Amoris Laetitia* é uma exortação apostólica ampla, com muitos parágrafos, cujos sete primeiros destacam a plena consciência da complexidade do tema.¹⁹⁰ Em particular, o Papa Francisco escreve que para algumas questões:

em cada país ou região, é possível buscar soluções mais inculturadas, atentas às tradições e aos desafios locais. De facto, ‘as culturas são muito diferentes entre si e cada princípio geral [...], se quiser ser observado e aplicado, precisa ser inculturado’.¹⁹¹

A exortação recorda a importância da consciência das pessoas, que deve ser considerada e respeitada pelos pastores. Abre a esperança para a descentralização na tomada de decisão pastoral, consentindo que os episcopados locais tomem decisões baseadas em suas próprias condições locais e culturais.

O grande texto da Encíclica *Laudato Si*¹⁹² faz uma severa crítica ao modo de vida da sociedade, baseado no consumo, no desperdício, no descarte e na mentalidade de que o homem é dono da natureza, e de que seus recursos são infinitos. Essa cultura, por sua vez, afeta os seres humanos excluídos como coisas que se convertem de maneira rápida em lixo.¹⁹³

A humanidade está se desestruturando e esgotando o próprio *habitat*, sua ‘mãe terra’.¹⁹⁴ O Papa Francisco reflete que o amor de Deus disponibilizou para a humanidade a Terra. Com isso, o Papa faz um apelo à dignidade e à responsabilidade da humanidade.¹⁹⁵ A

¹⁸⁸ Cf. FRANCISCO, 2013, p. 49.

¹⁸⁹ Cf. RÁDIO VATICANO. *Exortação “Amoris laetitia”*: a alegria do amor na família. Disponível em: <http://pt.radiovaticana.va/news/2016/04/08/exorta%C3%A7%C3%A3o_%E2%80%9Camoris_laetitia%E2%80%9D_a_alegria_do_amor_na_fam%C3%ADlia/1221252>. Acesso em: 8 out. 2017.

¹⁹⁰ Cf. RÁDIO VATICANO, acesso em: 8 out. 2017.

¹⁹¹ RÁDIO VATICANO, acesso em: 8 out. 2017.

¹⁹² O título é transcrito do texto de São Francisco de Assis em dialeto úmbrico. Cf. PASSOS, 2016, p. 14.

¹⁹³ Cf. PESSINI, Leo; SGANZELA, Anor. Crise ambiental e crise ético-moral na perspectiva da *Laudato Si*. *Revista Iberoamericana de Bioética*, Curitiba, v. 1, n. 4, p. 1-12, 2017. p. 4.

¹⁹⁴ A Encíclica usa expressões que revelam a cultura ecológica do pontífice, tais como: ‘casa comum’, ‘mãe Terra’, ‘grito da Terra’, ‘grito dos pobres’, ‘cuidado’, ‘interdependência entre todos os seres’, ‘pobres e vulneráveis’, ‘mudança de paradigma’, ‘ecologia integral’, ‘ser humano como Terra que sente, pensa, ama e venera’, entre outros. Além disso, o documento se utiliza de uma metodologia latino-americana conhecida nas palavras ver, julgar, agir e celebrar. Cf. PESSINI, 2017, p. 3.

¹⁹⁵ Cf. PASSOS, 2016, p. 14.

fonte de inspiração da Encíclica *Laudato Si'* é Francisco de Assis,¹⁹⁶ tomado pelo Papa como exemplo por excelência de cuidado com o frágil, de sua atenção especial aos pobres e abandonados e de uma ecologia integral.¹⁹⁷

A Carta Encíclica *Laudato Si'* é considerada um dos documentos mais importantes do século XXI. É uma referência para os ensinamentos voltados para o ato de educar em prol da esperança e promoção de valores como solidariedade, compreensão, compaixão, amorosidade, generosidade, cultura de tolerância, de não violência e de paz. A promoção de uma educação com esses valores possibilita a adoção de padrões de produção e de consumo que protejam as capacidades regenerativas da Terra, os direitos humanos e o bem-estar comunitário.¹⁹⁸

Outra reforma foi inspirada pela Teologia da Libertação e pela força das comunidades cristãs, em que o Papa aposta no protagonismo dos pobres e excluídos, situando-se na mais pura tradição da Bíblia em que o Reino de Deus caracteriza-se pela justiça aos pobres e excluídos.¹⁹⁹

Para a Igreja contemporânea, na concepção do Papa Francisco, a opção pelos pobres deve se concretizar principalmente em uma solicitude religiosa privilegiada e prioritária. Acrescenta ainda que essa solicitude também envolve as novas formas de pobreza, como a dos migrantes, a dos sem-abrigo, os tóxico-dependentes, os refugiados, os povos indígenas, os idosos cada vez mais sós e abandonados. Pobres em dobro são as mulheres que padecem situações de exclusão, maus-tratos e violência, porque frequentemente têm menores possibilidades de defender os seus direitos. O cuidado com a fragilidade também inclui assuntos importantes como a ecologia.²⁰⁰

Francisco assinala que a misericórdia leva antes de tudo aos pobres. O Deus amor revelado por Jesus Cristo acolhe, perdoa e integra os pobres e sofredores. Frente a esse ideal, o Papa consagra cinco temas, considerados seus pronunciamentos oficiais e espontâneos. O primeiro tema refere-se aos pobres no coração de Deus e retrata que a sensibilidade, a atenção e a opção pelos pobres não são apenas uma opção social e política, mas, antes de tudo, uma

¹⁹⁶ O título é uma expressão latim para 'Louvado seja, meu senhor', tendo como referência o Cântico de São Francisco de Assis, considerado o santo protetor dos animais e patrono da ecologia. Cf. NASCIMENTO, Diego Tarley Ferreira; CAMPOS, Gustavo Ribeiro. Os cuidados com a natureza (nossa casa comum), segundo a carta Encíclica Papal *Laudato Si'*, *mi' signore*. XVIII Encontro Nacional de Geógrafos, 2016, São Luis. *A construção do Brasil: geografia, ação política e democracia*. Disponível em: <[http://www.eng2016.agb.org.br/resources/ana is/7/1467336021_ARQUIVO_ARTIGONascimento2016Oscuidadoscomacasacomum\(2\).pdf](http://www.eng2016.agb.org.br/resources/ana%20is/7/1467336021_ARQUIVO_ARTIGONascimento2016Oscuidadoscomacasacomum(2).pdf)>. Acesso em: 5 out. 2017.

¹⁹⁷ Cf. PESSINI, 2017, p. 3.

¹⁹⁸ Cf. LEITE, Eugênio Batista. Carta Encíclica *Laudato Si'* – sobre o cuidado da Casa Comum – Papa Francisco. *Sinapse Múltipla*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 1-2, dez., 2015. p. 2.

¹⁹⁹ Cf. NOGUEIRA, 2015, p. 606.

²⁰⁰ Cf. BIANCHINI, 2015, p. 91.

questão de fé. O anúncio do evangelho aos pobres é sinal da profecia de Jesus. Os pobres ocupam um lugar preferencial no coração de Deus, e por esse motivo fazem parte do mistério da redenção humana.²⁰¹

No segundo tema, que trata dos pobres produzidos socialmente, o Papa faz indicações diretas e claras sobre a origem estrutural da pobreza, destacando que:

Enquanto não forem radicalmente solucionados os problemas dos pobres, renunciando à autonomia absoluta dos mercados e da especulação financeira e atacando as causas estruturais da desigualdade social, não se resolverão os problemas do mundo e, em definitivo, problema algum.²⁰²

Esse comentário faz menção às críticas do Papa ao sistema capitalista neoliberal, com abordagem no subcapítulo seguinte.

O terceiro tema é a cultura da indiferença que descarta os pobres. Essa tendência é explicada pelo consumismo inerente ao sistema capitalista. Nesse regime, os pobres são descartados. A cultura individualista resulta no relativismo, que faz com que as pessoas ajam como se Deus não existisse. Além dessa indiferença, adotam-se, na maioria dos casos, formas de educação que visam tranquilizar os pobres, tornando-os domesticados e inofensivos.²⁰³

O quarto tema refere-se ao imperativo da opção pelos pobres. O evangelho ensina a superar a indiferença e dispor a Igreja em sintonia e solidariedade com os pobres. Sem os pobres, o anúncio do evangelho, razão maior da Igreja, corre o risco de ser não compreendido ou de perder-se no excesso de palavras das mídias na atualidade. A primeira atitude é ouvir o clamor dos pobres, e isso significa que existe uma sensibilidade, compreensão e solidariedade na sua condição.²⁰⁴

Com o clamor dos pobres, ninguém da Igreja pode se sentir exonerado da solidariedade, e a opção por eles não pode ser relativizada por nenhuma hermenêutica eclesial. Cada cristão e as comunidades estão, desse modo, chamados a ser instrumentos de Deus a serviço da libertação e promoção dos pobres, para que possam fazer parte da sociedade.²⁰⁵

²⁰¹ Cf. PASSOS, João Décio. Os grandes temas do pontificado do Papa Francisco. *Vida Pastoral*, São Paulo, a. 58, n. 316, p. 21-30, jul./ago., 2017. p. 28.

²⁰² PASSOS, 2017, p. 28.

²⁰³ Cf. PASSOS, 2017, p. 29.

²⁰⁴ Cf. PASSOS, 2017, p. 29.

²⁰⁵ Cf. PASSOS, 2017, p. 29.

O último tema é a eliminação da pobreza. Para Francisco, a sensibilidade e a opção pelos pobres exige conversão, que é mudar a maneira como se vê a realidade.²⁰⁶

É necessário que se construa um novo modo de vida e de gestão do planeta, capaz de garantir a vida da terra e dos pobres.²⁰⁷ Esses discursos são pronunciados por Francisco, e não esgotam a amplitude e a profundidade de seu pensamento, mas são eixos transversais em torno dos quais se movem sua lógica e conduta, de forma explícita e implícita.

3.2 Críticas ao sistema capitalista

No cenário global, o Papa Francisco é um dos poucos líderes a criticar contundentemente o sistema capitalista neoliberal,²⁰⁸ apontando seus males para o planeta e seus povos. A globalização²⁰⁹ trouxe efeitos unívocos rumo à modernidade, mas também trouxe consequências altamente desorganizadoras e desestruturadoras.²¹⁰ O movimento oposto à integração opera no sentido da fragmentação, da segmentação e da exclusão.

Para Francisco, o sistema tecnocrático globalizado²¹¹ privilegia o lucro sem limites, que destrói o planeta e gera pobreza. Esse regime deverá ser superado por outro, com capacidade de garantir a vida e a igualdade. Tal é o recado fundamental da Encíclica *Laudato Si'*. Esse regime, injusto na raiz, reproduz uma sociedade desigual que se volta contra si mesma, ao gerar mecanismos de violência e de corrupção.²¹²

²⁰⁶ Essa mudança de postura significa ouvir o clamor de povos inteiros e buscar os meios de superação do modelo econômico que gera a pobreza. Cf. PASSOS, 2017, p. 29.

²⁰⁷ Cf. PASSOS, 2017, p. 29.

²⁰⁸ “O capitalismo é um sistema econômico e social predominante na maioria dos países industrializados ou em fase de industrialização. Neles, a economia se baseia na separação entre trabalhadores juridicamente livres, que dispõem apenas da força de trabalho e a vendem em troca de salário, e capitalistas, proprietários dos meios de produção, que contratam os trabalhadores para produzir mercadorias, como os bens dirigidos para o mercado, com o objetivo de obter lucro”. SANDRONI, 2003, p. 81.

²⁰⁹ “Termo que designa o fim das economias nacionais e a integração cada vez maior dos mercados, dos meios de comunicação e dos transportes. Um dos exemplos mais interessantes do processo de globalização é o *global sourcing*, isto é, o abastecimento de uma empresa por meio de fornecedores que se encontram em várias partes do mundo, cada um produzindo e oferecendo as melhores condições de preço e qualidade naqueles produtos que têm maiores vantagens comparativas”. SANDRONI, 2003, p. 265.

²¹⁰ Cf. DINIZ, Eli. Globalização, reforma do Estado e teoria democrática contemporânea. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v. 15, n. 4, p. 13-22, 2001. p. 14.

²¹¹ O sistema tecnocrático é aquele poder ou governo controlado por especialistas que, nos setores privado e público, controlam os mecanismos de direção, coordenação, previsão e reavaliação de decisões. Cf. SANDRONI, 2003, p. 593. No mundo do capitalismo globalizado, a lógica é tecnocrática. Qualquer milionário pode se tornar miserável da noite para o dia, e de sacrificador ele se transforma em vítima sacrificial do sistema. Cf. BASTOS, Aguinaldo. *Ontologia da violência: o enigma da crueldade*. Rio de Janeiro: Mauad, 2014. p. 276.

²¹² Cf. PASSOS, 2017, p. 29.

Frente a esse posicionamento com relação ao capitalismo, em 9 de julho de 2015, em um dos encontros históricos, o Papa esteve em Santa Cruz de la Sierra,²¹³ na Bolívia, e exigiu do povo uma mudança estrutural mundial, alertando que o capitalismo é uma ‘ditadura sutil’. Francisco foi contundente ao afirmar que: “hoje reina a ambição desenfreada de dinheiro, o que conduz a um planeta ignorante, envenenado com o ‘esterco’ do diabo”.²¹⁴ Para ele:

o capitalismo impôs a lógica dos lucros a qualquer custo, sem pensar na exclusão social ou na destruição da natureza. A primeira tarefa é colocar a economia a serviço dos pobres. Os seres humanos e a natureza não devem servir ao 'Deus do dinheiro'. Precisamos dizer 'não' a uma economia de exclusão e desigualdade na qual o dinheiro domina, em vez de servir, criticou Francisco diante de um público formado por sem-tetos, indígenas e quilombolas brasileiros.²¹⁵

Nos dias atuais, com o envolvimento dos princípios da Teologia da Libertação em contraste com o tradicionalismo da Igreja, essa tendência vai bem mais além de uma crítica moral ao capitalismo, ao exigir sua abolição, até porque o grande sujeito e a grande inclusão que a Igreja latino-americana sempre defendeu e que resume em si muitas realidades distintas, é o pobre. Aqui está uma das principais contribuições da Teologia da Libertação e do CELAM²¹⁶ à eclesiologia do povo de Deus, pois a Igreja também é casa dos pobres.²¹⁷

Segundo Clodovis Boff, a Teologia da Libertação está se reformulando e ampliando sua dialética nas instituições, mas continua sendo definida como um modo de ver as coisas e não por essa ou aquela temática. Ela faz da realidade vivida pelo povo seu tema de reflexão. Algumas tarefas ainda se mantêm: ela passou a assumir uma mediação socioanalítica mais pluralista; continua com os trabalhos articulados com as CEBs e com novo modo de ser Igreja, envolvendo questões como religião popular, papel social e religioso das massas, realidade urbana, inculturação da fé, importância da mídia, lugar das novas classes médias, discernimento dos novos movimentos religiosos; revaloriza em novos termos a relação direta e imediata com os excluídos, dando lugar às alianças estratégicas com esquerdas e aos

²¹³ O evento reuniu, nos dias 7 a 9 de julho de 2015, cerca de 1.500 lideranças de 40 países. A delegação do Brasil contou com 200 representações de vários movimentos populares. Cf. PATIAS, Jaime Carlos. A cultura popular além do espetáculo. 3º Seminário de Comunicação, Cultura e Sociedade do Espectáculo, 2015, Bela Vista. *A Sociedade do Espectáculo e a Dialética da Cultura*. Disponível em: <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2016/04/Jaime-Patias_Semin%20E2%80%A0rio-2015.pdf>. Acesso em: 26 de out. 2017.

²¹⁴ Cf. BENINCÁ, Dirceu. *Papa Francisco acerta a jugular do capitalismo*. Disponível em: <<http://w1ww.dioce sedeerexim.org.br/arquivos/artigos/CODEHTML55c8024d6f58d.pdf>>. Acesso em: 8 out. 2017.

²¹⁵ Cf. CATOLICISMO ROMANO. *Em discurso contundente, Papa Francisco critica capitalismo e exige mudanças mundiais*. Disponível em: <<http://www.catholicismoromano.com.br/content/view/5968/28/>>. Acesso em: 27 out. 2017.

²¹⁶ Os bispos do CELAM vieram do Concílio Vaticano II decididos a dar um especial testemunho de pobreza. “Desejamos que nossa habitação e estilo de vida sejam modestos; nossa indumentária, simples; nossas obras e instituições funcionais, sem aparato nem ostentação”. BIANCHINI, 2015, p. 90.

²¹⁷ Cf. BIANCHINI, 2015, p. 89.

acordos táticos com direitas; no âmbito da espiritualidade, passa a redescobrir a gratuidade da contemplação, pondo a mística de Deus como ponto de partida, polo dialético e centro para a mística da luta.²¹⁸

De acordo com Gutiérrez, essa reflexão de vida faz com que a Teologia da Libertação incorpore novas reflexões, como por exemplo, que os pobres precisam de uma luta revolucionária contra o capitalismo, que seja capaz de:

questionar a atual ordem social, desde suas raízes. (Essa luta) insiste que, para que a sociedade seja verdadeiramente livre e igualitária, é preciso que o povo chegue ao poder. Em uma sociedade assim, a propriedade privada dos meios de produção será eliminada, pois ela permite que uns poucos expropiem os frutos do trabalho executado pela maioria, gera divisões de classes na sociedade e permite que uma classe seja explorada por outra.²¹⁹

O Papa Francisco alerta para o grande risco do mundo moderno, com sua múltipla e avassaladora oferta de consumo que o capitalismo oferece. É a tristeza individualista que brota do coração comodista e mesquinho, da busca descontrolada de prazeres superficiais, da consciência isolada. Francisco afirma que quando a vida interior se fecha nos próprios interesses deixa de existir espaço para os outros. Já não entram os pobres, não se ouve a voz de Deus, não se goza da alegria do seu amor, nem ferve o entusiasmo de fazer o bem.²²⁰

Defendendo esse pensamento em um encontro com movimentos sociais na Bolívia, como parte da viagem pela América Latina, Francisco pediu para a população lutar pela defesa dos “três T: Terra (trabalhadores do campo, problemática ambiental, soberania alimentar e agricultura), Teto (assentamentos informais, habitações precárias e problemáticas das periferias urbanas) e Trabalho (trabalhadores da economia informal, desemprego entre jovens e novas problemáticas do mundo do trabalho)”.²²¹ O Papa alerta sobre os problemas em comum de todos os povos latino-americanos e de toda a Humanidade, enfatizando que são “problemas que têm uma matriz global e que hoje nenhum Estado é capaz de resolver sozinho”.²²²

Ainda durante o encontro na Bolívia com representantes dos movimentos populares, Francisco discursou em favor dos direitos dos pobres como direitos sagrados. Advertiu para que os movimentos populares que lutam por direitos e dignidade humana não se enfraqueçam,

²¹⁸ Cf. BOFF, Clodovis. *A teologia da libertação e a crise da nossa época*. Disponível em: <<http://servicioskoinonia.org/relat/196.htm>>. Acesso em: 29 out. 2017.

²¹⁹ GUTIÉRREZ *apud* LÖWY, 2000, p. 97.

²²⁰ Cf. FRANCISCO, 2013, p. 9.

²²¹ PATIAS, acesso em: 26 out. 2017.

²²² CATOLICISMO ROMANO, acesso em: 27 out. 2017.

propôs a substituição da ‘globalização da morte’ por uma ‘globalização da esperança’ e convocou todos para os três T concretos, em prol de uma economia a serviço de todos os povos, de modo a unir os povos no caminho da paz e da justiça e defender o planeta.²²³

A crítica do capitalismo é revelada no contexto da Teologia da Libertação, por herdar da Igreja a tradição de hostilidade ou aversão²²⁴ ao termo que o catolicismo tem do espírito do capitalismo. Essa hostilidade se modernizou e foi modificada, radicalizando-se e tornando-se mais abrangente e sistemática, combinando a crítica moral com a moderna, principalmente a marxista, envolvendo a exploração, e substituindo o passado patriarcal pela proposta de uma economia socializada.²²⁵

Segundo Gutiérrez, o individualismo é a característica mais importante da ideologia moderna e da burguesia. A mentalidade moderna revela que o ser humano, como indivíduo, é o começo absoluto, o centro autônomo de decisão. A iniciativa individual e os interesses individuais são o ponto de partida e o motor da atividade econômica global.²²⁶

A oposição sem reconciliação ou a luta de princípios da ética católica contra a modernidade capitalista foi a inspiração para a crítica que os teólogos da libertação fazem da reconciliação da Igreja com o mundo burguês moderno.²²⁷ O Papa Francisco apresenta temáticas com características aproximadas da Teologia da Libertação, em seu ataque ao capitalismo, e para seguir com os princípios da Teologia da Libertação importa seguir com o pluralismo relativizante e aberto a toda forma de diálogo.²²⁸

A Teologia da Libertação insiste na seguinte orientação: a globalização tecnológica deve se ordenar para um projeto mundializado que envolva humanização mínima, cidadania, equidade, bem-estar humano e ecológico, respeito às diferenças culturais e abertura para a reciprocidade e a complementaridade culturais. Na humanização mínima, todo ser humano deve ter o direito mínimo de persistir na existência, e isso significa que deverá poder comer pelo menos uma vez ao dia, ter onde morar e contar com cuidado básico de saúde garantido. Mas o sistema em vigência não põe a pessoa humana em seu centro, apenas a sua força de trabalho.²²⁹

Em relação à cidadania, a organização social não deve produzir excluídos, mas potencialmente todos devem se sentir cidadãos da Terra, e se acostumar a pensar globalmente,

²²³ Cf. BENINCÁ, acesso em: 8 out. 2017.

²²⁴ O termo de Max Weber: *Abneigung*. Cf. LÖWY, 2000, p. 94.

²²⁵ Cf. LÖWY, 2000, p. 94.

²²⁶ Cf. GUTIÉRREZ apud LÖWY, 2000, p. 100.

²²⁷ Cf. LÖWY, 2000, p. 94.

²²⁸ Cf. BOFF, 2016, p. 10.

²²⁹ Cf. BOFF, Leonardo. *Ecologia, mundialização e espiritualidade*. São Paulo: Record, 2008. p. 166.

mesmo que atuem localmente em suas nações. A cidadania abrange o antiautoritarismo²³⁰ e a concordância intrínseca com a pluralidade.²³¹

A equidade refere-se à certeza de poder desfrutar de benefícios sociais e de prevalecer certa correlação entre o que o cidadão contribui e o que, em contrapartida, recebe. Na equidade, busca-se tornar mais concreto e viável o ideal político da igualdade, que passa a constituir um horizonte utópico, no sentido positivo do termo. A solidariedade entre grupos e nações ameniza as rudezas das desigualdades sociais.²³²

O bem-estar humano e ecológico contempla os melhores projetos, práticas e organizações, que são aqueles que maximizam a quantidade de bens e serviços, e principalmente, a qualidade de vida, como a vida humana. Esta deve resultar do funcionamento global da sociedade. O bem-estar humano pertence a uma nova aliança que se estabelece entre os homens e mulheres e a natureza, em termos de confraternização e veneração; pertence também à espiritualidade, como capacidade de comunicação com subjetividade profunda das pessoas com as mais diferentes alteridades, incluindo a alteridade de todos os seres da criação e a Alteridade absoluta (Deus). Igualmente, integra o bem-estar dos homens a expressão pluralista de valores e interpretações da vida, da história e do propósito último do Universo.²³³

No que se refere às diferenças culturais, o ser humano é histórico e codificou de maneira diferente suas respostas às questões subjetivas de sua passagem pela Terra. Como existe uma arqueologia exterior (ecologia ambiental e social), também há uma interior (ecologia profunda), que interpreta, valora e sonha a sua realidade a partir de experiências cumulativas. Toda essa diversidade mostra a riqueza da aventura do ser humano, que pode ser comunicada e enriquecer a todos.²³⁴

Na reciprocidade e complementariedade culturais, não basta reconhecer a alteridade, ato que diz respeito ao aprendizado dos valores dos outros, ao desenvolvimento da reciprocidade e à complementariedade mútua. Nenhuma cultura expressa a totalidade do potencial criativo do homem, e por isso uma cultura pode complementar a outra. Juntas

²³⁰ Regime, sistema ou sentimento que se opõe ao autoritarismo. O antiautoritarismo consiste na repulsa e no combate total a qualquer tipo de hierarquia imposta ou a qualquer domínio de uma pessoa sobre a(s) outra(s), defendendo uma organização social baseada na igualdade e no valor supremo da liberdade. Tem como principais, mas não únicos, objetivos a supressão do Estado, da acumulação de riqueza própria do capitalismo (exceto os anarco-capitalistas) e as hierarquias religiosas (exceto os seguidores do anarquismo cristão). Cf. MICHAELIS. *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>>. Acesso em: 9 out. 2017.

²³¹ Cf. BOFF, 2008, p. 167.

²³² Cf. BOFF, 2008, p. 167.

²³³ Cf. BOFF, 2008, p. 167.

²³⁴ Cf. BOFF, 2008, p. 167-168.

mostram a versatilidade do mistério do ser humano e as distintas formas de realizar a humanidade.²³⁵ O que se vê no século XXI é o afunilamento da Teologia da Libertação, quando o capitalismo faz aumentar cada vez mais a profunda divisão entre pobreza e riqueza, a exploração e a acumulação.

Na concepção do Papa Francisco, o capitalismo é atacado como ‘falsa religião’, com identificação em novas formas de idolatria: do dinheiro,²³⁶ do capital ou do mercado. Combinando a análise marxista do fetichismo da mercadoria²³⁷ com a denúncia profética de deuses falsos do Velho Testamento, os teólogos latino-americanos insistem a respeito da natureza maligna desses ídolos cruéis que exigem sacrifícios humanos, como a dívida externa, por exemplo.²³⁸

Francisco diz não à idolatria do dinheiro, apontando como uma das causas dessa situação a relação estabelecida com o dinheiro, pelo fato de o homem aceitar pacificamente o seu domínio. A crise financeira faz o povo esquecer que, na sua origem, há uma crise antropológica profunda: a negação da primazia do ser humano. Foram criados hoje novos ídolos. A adoração do antigo bezerro de ouro encontrou uma nova e cruel versão no fetichismo do dinheiro, na ditadura de uma economia sem rosto e sem um objetivo verdadeiramente humano.²³⁹

A crise no mundo, que engloba as finanças e a economia, põe a descoberto os seus próprios desequilíbrios e principalmente a grave carência de orientação antropológica que reduz o ser humano a uma de suas necessidades: o consumo.²⁴⁰ O modelo moderno de viver, habitar e se relacionar com a natureza está em questionamento. Trata-se de um modelo que exclui a maior parte da humanidade do acesso às condições mínimas de sobrevivência,

²³⁵ Cf. BOFF, 2008, p. 168.

²³⁶ O antigo deus Mamon. O termo ‘mamom’, de origem aramaica, servia para designar a soma dos bens terrenos: posses e dinheiro. Não era um deus oficial de nenhum culto pagão, mas constituía e ainda constitui verdadeiramente um ídolo universal, pois nos tesouros materiais o homem aplica o coração (Mt 6.21). Cf. EBENEZER. *Cristo e Mamon*. Disponível em: <<http://www.ebenezer.org.br/wp-content/uploads/2015/09/Cristo-e-Mamom.pdf>>. Acesso em: 8 out. 2017.

²³⁷ O fetiche da mercadoria, postulado por Marx, opõe-se à ideia de *valor de uso*, que se refere unicamente à utilidade do produto. O fetiche relaciona-se à fantasia que paira sobre o objeto, projetando nele uma relação social definida, estabelecida entre os homens. Em que consiste o fetichismo? No fato de que, com a universalização da produção de mercadorias, as relações sociais entre os produtores passam a ser mascaradas pelas relações de troca entre as diferentes mercadorias. Assim, as relações sociais entre as pessoas aparecem como relações sociais entre coisas. Cf. MARX, Karl. *O fetichismo da mercadoria e o seu segredo*. Disponível em: <<http://www.marxists.org/p/ortugues/marx/1867/ocapital-v1/index.htm>>. Acesso em: 8 out. 2017.

²³⁸ Cf. LÖWY, 2000, p. 95.

²³⁹ Cf. FRANCISCO, 2013, p. 42.

²⁴⁰ Cf. FRANCISCO, 2013, p. 42.

mesmo que se justifique a destruição dos recursos naturais como necessidade para atender aos interesses da humanidade.²⁴¹

3.3 Os valores resgatados pelo Papa Francisco

Francisco não vê a Igreja separada do mundo. Nesse sentido, a conversão interna da Igreja é o seu primeiro quesito de reforma. Ao mesmo tempo em que visa combater a ‘mundanidade’ – principalmente do clero – ele percorre o mundo dirigindo-se a todos os lugares onde as carências do povo expõem a carência de justiça e fraternidade.²⁴²

A mundanidade é entendida como:

a busca do sucesso a qualquer preço, do dinheiro fácil e do prazer fácil. Esta lógica seduz também muitos jovens. O nosso compromisso mais não pode ser do que estar ao lado deles para os contagiar com a alegria do Evangelho e da pertença a Cristo. Esta cultura deve ser evangelizada se quisermos que os jovens não sucumbam.²⁴³

O Papa alerta para que se mantenha a vigilância a fim de não cair em tentação, principalmente os jovens, para que não sejam ludibriados por ‘astutos’ personagens. Por esse motivo, o Papa dá atenção privilegiada aos jovens. Para ele, “a Pastoral juvenil, tal como estávamos acostumados a desenvolvê-la, sofreu o impacto das mudanças sociais”.²⁴⁴ No seu entendimento, os jovens têm uma sensibilidade ecológica diferente do adulto, um espírito generoso, e alguns deles lutam de forma admirável pela defesa do meio ambiente.

Para Francisco, a espiritualidade cristã propõe uma forma alternativa de compreender a qualidade de vida, buscando um estilo de vida profético e contemplativo, com capacidade de gerar alegria sem a obsessão do consumo. Trata-se da convicção: ‘quanto menos, tanto mais’. A espiritualidade cristã propõe o crescimento na sobriedade e a capacidade de se contentar com pouco. A sobriedade vivida livre e conscientemente é libertadora. É assim que se enfrentam o mundanismo, o consumismo e a conseqüente destruição da natureza. Está nas mãos dos jovens o sério desafio de cuidar do presente e do futuro do planeta.²⁴⁵

²⁴¹ Cf. PESSINI, 2017, p. 4.

²⁴² Cf. KONINGS, 2016, p. 11-12.

²⁴³ FRANCISCO. *Discurso do Papa Francisco aos participantes na plenária da congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica*. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/january/documents/Papafrancesco_20170128_plenaria-civcsva.pdf>. Acesso em: 27 out. 2017.

²⁴⁴ Cf. BASSO, Vilson. O Papa Francisco e a juventude. *Vida Pastoral*, São Paulo, a. 58, n. 316, p. 31-38, jul./ago., 2017. p. 32.

²⁴⁵ Cf. BASSO, 2017, p. 33.

Para o pontífice, é de responsabilidade do Estado criar condições legislativas e trabalhistas com o objetivo de garantir o futuro dos jovens e auxiliá-los a realizar seu projeto de formar família.²⁴⁶ É preciso auxiliar os jovens a descobrir o valor e a riqueza do matrimônio, encorajando-os a não hesitar diante da riqueza que o matrimônio oferece aos seus projetos de amor, com o apoio que recebem da graça de Cristo e da possibilidade de participação plena na vida da Igreja.²⁴⁷

Esse encorajamento vem ao encontro da crise cultural profunda que a família atravessa, como também as comunidades e vínculos sociais. No caso da família, a fragilidade dos vínculos reveste-se de especial gravidade, porque se trata da célula básica da sociedade, o espaço em que se aprende a conviver com a diferença e a pertencer aos outros e no qual os pais transmitem a fé aos filhos.²⁴⁸

O matrimônio tende a ser visto como mera formalização de gratificação afetiva, que se pode constituir de qualquer maneira e modificar-se de acordo com a sensibilidade de cada um. Contudo, a contribuição indispensável do matrimônio à sociedade supera o nível da afetividade e das necessidades ocasionais do casal. Como ensinam os bispos franceses, não se trata somente “do sentimento amoroso, efêmero por definição, mas da profundidade do compromisso assumido pelos esposos que aceitam entrar numa união de vida total”.²⁴⁹

Francisco renovou as prerrogativas de Bento XVI, na eliminação das causas estruturais das disfunções da economia mundial e na correção dos modelos de crescimento que parecem ser incapazes de garantir o respeito do meio ambiente. Francisco alerta que o mundo não pode ser analisado apenas sob um dos seus aspectos, até porque o livro da natureza é uno e indivisível, incluindo, entre outras coisas, o ambiente, a vida, a sexualidade, a família e as relações sociais. A degradação da natureza está intimamente ligada à cultura que modela a convivência entre os homens.²⁵⁰

O ambiente humano e o natural se degradam em conjunto. Não se enfrenta adequadamente a degradação ambiental sem prestar atenção às causas da degradação humana e social. De fato, a degradação do meio ambiente e da sociedade atinge em especial os mais frágeis do planeta: a experiência comum da vida cotidiana, assim como a investigação

²⁴⁶ Cf. BASSO, 2017, p. 34.

²⁴⁷ Cf. BASSO, 2017, p. 34.

²⁴⁸ FRANCISCO, 2013, p. 48.

²⁴⁹ FRANCISCO, 2013, p. 48.

²⁵⁰ Cf. FRANCISCO, 2015, p. 6-7.

científica, demonstra que os efeitos mais graves de todas as agressões ao ambiente recaem sobre os mais pobres.²⁵¹

Esses efeitos podem ser explicados com simples exemplos: o esgotamento das reservas hídricas prejudica principalmente as pessoas que vivem da pesca artesanal para sobreviver e não podem substituí-la. A poluição da água afeta os mais pobres, por não terem condições de comprar água engarrafada, e o aumento do nível do mar afeta principalmente os povoados que vivem nas regiões costeiras mais pobres, por não terem para onde ir. O choque dos desequilíbrios atuais manifesta-se também na morte antecipada de muitos pobres, nos conflitos gerados pela falta de recursos e em muitos outros problemas que não encontram espaço suficiente nas agendas mundiais.²⁵²

A divulgação da *Laudato Si'* provocou uma revolução para os 'crentes', como também para os 'não-crentes', uma vez que a Encíclica questiona o modelo de vida na atualidade, além da produção, o consumo e o modelo político e econômico. O Papa invoca o mundo para o clamor da terra, o clamor dos pobres e a relação com o meio ambiente.²⁵³

Se o Papa Leão XIII (1879-1903) com a Encíclica *Rerum Novarum*: sobre a condição operária assombrou o mundo da época, o Papa Francisco, com a Encíclica *Laudato Si'*: sobre o cuidado da casa comum questionou a humanidade para repensar sobre o atual modelo de desenvolvimento, bem como o modo como conduzimos a nossa vida, que tem ameaçado a nossa casa comum.²⁵⁴

Os congressistas republicanos e seus candidatos à presidência norte-americana pressionaram para que o Papa não publicasse sua encíclica abordando a questão ecológica. Meses antes de ser publicada, os grandes empresários ligados às indústrias do petróleo e carvão de todos os continentes fizeram um retiro espiritual no Vaticano para explicar e provar para o Papa que as mineradoras são ecológicas e só extraem minérios da Terra, e não a destroem.²⁵⁵ Mesmo assim, a Encíclica foi publicada.

Para a questão do cuidado da casa comum, o Papa Francisco, ao divulgar a Encíclica *Laudato Si'*, objetivou chamar a atenção para a crise ecológica instalada pela exploração insustentável, já que o progresso tecnológico e econômico tem exigido um consumo enorme e imediato dos recursos naturais.²⁵⁶ A crise ecológica é uma expressão ou uma manifestação externa da crise ética, cultural e espiritual da humanidade, e não se pode sanar a relação do

²⁵¹ Cf. FRANCISCO, 2015, p. 38.

²⁵² Cf. FRANCISCO, 2015, p. 38.

²⁵³ Cf. PESSINI, 2017, p. 3.

²⁵⁴ PESSINI, 2017, p. 3.

²⁵⁵ Cf. PESSINI, 2017, p. 3.

²⁵⁶ Cf. NASCIMENTO, 2016, p. 2.

homem com a natureza sem antes curar todas as relações humanas fundamentais. Afirma o Papa Francisco: “Tudo está interligado”.²⁵⁷

O futuro da humanidade não está apenas nas mãos dos grandes dirigentes, das grandes potências e das elites. Está principalmente nas mãos dos povos, em sua capacidade de se organizar, e nas mãos que regem, com humildade e convicção,²⁵⁸ o processo de mudança. Só assim os valores poderão ser resgatados.

As propostas de mudanças feitas pelo Papa Francisco estão relacionadas mais diretamente com questões políticas, econômicas e sociais, indicando uma visão progressista. Entretanto, o pontífice até o momento vem se mostrando conservador sobre determinados temas, como por exemplo: nas questões que envolvem a família, ao segundo matrimônio, as questões de gênero LGBTIQ (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, intersexos e queer), sobre a militância feminista (a temática do aborto), dentre outras. Pode-se aventar a possibilidade de resistências dentro da própria Cúria, que se mostra avessa às mudanças. Por outro lado, é cedo ainda para definir exatamente quais rumos o pontificado de Francisco irá percorrer.



²⁵⁷ PESSINI, 2017, p. 9.

²⁵⁸ Cf. FRANCISCO. *Discurso do Papa aos Movimentos Populares*. Disponível em: <[http://pt.radiovaticana.va/news/2015/07/10/discurso_do_papa_aos_movimentos_populares_\(texto_integral\)/1157336](http://pt.radiovaticana.va/news/2015/07/10/discurso_do_papa_aos_movimentos_populares_(texto_integral)/1157336)>. Acesso em: 8 out. 2017.

CONCLUSÃO

O objetivo desse trabalho foi identificar as influências exercidas pela Teologia da Libertação no pontificado do Papa Francisco. O pontífice apresenta-se como um homem da Igreja que deseja seguir com fidelidade o caminho de Jesus, o mesmo caminho da Igreja que se concretiza no Concílio Vaticano II.

De acordo com a literatura pertinente, observou-se que esse período do pontificado do Papa Francisco é marcado por significativas transformações, como também se pode identificar desafios, como a resistência da própria Cúria Romana, que considera o Papa progressista, principalmente setores conservadores afetados com a perda de privilégios, que fazem duras críticas e oposição sistemática ao Papa.

Outro fato que vem marcando o pontificado são as reformas no Banco Vaticano, com o afastamento de religiosos das posições de comando. Por outro lado, as encíclicas denunciam as injustiças sociais do sistema econômico e anunciam a visão da importância de reaproximação da Igreja Católica aos mais pobres e a todos os excluídos pela sociedade, o que já constitui marcas desse pontificado.

Quando o então cardeal Jorge Mario Bergoglio adotou o nome de Francisco, em homenagem a São Francisco de Assis, ele já indicava os rumos e diretrizes que pretendia adotar para a Instituição. Assim, suas atitudes se aproximam dos valores e ideias defendidos pela Teologia da Libertação. Entretanto, vivemos num contexto diferente das décadas de 1960 e 1970, quando a Teologia da Libertação surgiu e ganhou força na América Latina. Naquela época, além dos problemas relacionados com as desigualdades econômicas, o continente estava praticamente sob o domínio de ditaduras militares e existia um conflito aberto entre capitalismo e comunismo. O mundo vivia as disputas e divisões da Guerra Fria.

Na atualidade, o cenário político se modificou. A América Latina, por exemplo, vive formalmente sob regimes democráticos; a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e o bloco comunista desapareceram com a queda do Muro de Berlim; e o mundo se tornou multipolar. Entretanto, as estruturas que provocam desigualdades econômicas e sociais e geram injustiças permanecem. Os problemas ambientais se agravaram e representam um novo desafio que, naquela época, não parecia tão grave quanto agora.

Portanto, as ações promovidas pelo Papa Francisco resgatam valores já defendidos pela Teologia da Libertação, como a centralidade dos pobres e a necessidade de mais justiça social. Ao promover reformas dentro da Instituição, o Papa busca sintonizar a Igreja com o mundo moderno. O que marca essa perspectiva está no reconhecimento da *Evangelii*

Gaudium como estatuto teológico da Igreja Católica, que consiste em ouvir o clamor dos pobres. Essa perspectiva de transformação social e maior proximidade junto aos excluídos vem sendo buscada desde o Concílio Vaticano II. A partir dele, a Igreja passou a seguir a solidariedade absoluta de Deus com a humanidade, e para tal, exige-se um compromisso absoluto e inerente com as pessoas e com as relações sociais que elas estabelecem.

Para alcançar seus propósitos, Francisco, mesmo antes de ser eleito Papa, buscava o diálogo com outras religiões, sendo, por exemplo, amigo do rabino Skorka, de Buenos Aires. Depois de eleito, buscou a reaproximação com representantes da Igreja Ortodoxa, como o patriarca Ecumênico de Constantinopla, Bartolomeu I, e líderes da comunidade muçulmana, tudo isso com o propósito de promover a paz e o diálogo inter-religioso.

A Teologia da Libertação é incompreendida e condenada por aqueles que defendem relações excludentes e priorizam o fortalecimento da economia em detrimento da valorização do homem. Este, antes de ser pobre, é oprimido, e deveria ser assistido pela Igreja para seguir com seu processo de libertação.

Se existe a pobreza e a opressão, então a Teologia da Libertação não deixou de existir, e na atualidade sua ação é mais urgente do que quando surgiu, nos anos 1960, ocultando-se, no entanto, por ter saído do foco de atenção das polêmicas e discussões que interessam à opinião do público. A Teologia está plenamente viva e merece menção em outro aspecto que constitui seu momento atual. São várias as suas condicionantes, produto da reflexão de pensadores e militantes da sua gênese, como também daqueles que já partiram para a vida no reino definitivo, ou já estão bastante idosos, mesmo que ainda ativos.

Os teólogos autores de estudos voltados para o tema da Teologia da Libertação vêm dando prosseguimento a esse trabalho, a seu modo, de acordo com o novo contexto do mundo neoliberal. No Brasil, destaca-se Francisco de Aquino Júnior, e no México, Carlos Mendonza-Álvares. Esses teólogos elaboram textos e obras, e participam de congressos, divulgando reflexões produzidas segundo o mesmo método, ainda que se utilizando de outras mediações.

A Teologia da Libertação se mantém presente no caráter ecumênico, na leitura bíblica, nas CEBs, nas pastorais sociais, nos movimentos de fé e nos trabalhos das pastorais nas periferias das cidades. Os aspectos principais da Teologia da Libertação estão sendo mantidos, sendo imprescindíveis para os trabalhos que se fortaleceram no final dos anos 1970. O método original da Teologia da Libertação se mantém como elemento fundamental para a prática teológica, mas vem se reformulando e ampliando sua dialética nas instituições.

Com as reformas do Papa Francisco, as principais influências da Teologia da Libertação estão, primeiramente, nos ensinamentos papais em sua atenção maior aos pobres,

em sua força evangelizadora. No que diz respeito à degradação da casa comum, a mãe Terra, grito da Terra e do grito dos pobres e vulneráveis, A Teologia da Libertação compreendeu que nessa opção pelos pobres deve ser incluída a opção pelo pobre maior, o planeta Terra. Francisco destaca que a degradação do meio ambiente e da sociedade atinge principalmente os mais frágeis da sociedade: os pobres. Junto à degradação da natureza e à devastação do sistema-vida, a Teologia da Libertação entende que na opção pelos mais oprimidos, inclui-se a opção do planeta Terra, considerado o pobre maior.

A Igreja Católica já pensava em determinados problemas sociais, e isso sempre foi importante para conciliar a pobreza e os rumos por ela tomados. Uma das maiores contribuições da Teologia da Libertação desenvolvida nos anos 1970 para o mundo no século XXI está na crítica ao sistema econômico associada à dimensão social da evangelização, que aponta para o compromisso sócio-político da vivência da fé cristã.

Mesmo que ainda não se tenha pensado nos moldes tradicionais da Teologia da Libertação, o Papa Francisco segue o mesmo rumo, com foco na transformação do mundo e da realidade social. Com isso, conclui-se que a relação da Teologia da Libertação com a práxis de compromisso e com a humanização, ao lado dos excluídos e das vítimas da globalização econômica, ainda se encontra em plena vigência.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE FILHO, Clovis Antunes Carneiro de. Vaticano, Santa Sé e a Nunciatura Apostólica - Breves comentários. In: *Âmbito Jurídico*, Rio Grande, VIII, n. 21, maio 2005. Disponível em: <http://www.ambitojuridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=563>. Acesso em 10 de out., 2017.

AQUINO JÚNIOR, Francisco de. “Uma Igreja pobre e para os pobres”: abordagem teológico-pastoral. *Pistis Praxis*, Curitiba, v. 8, n. 3, p. 631-657, set./dez., 2016.

AQUINO JÚNIOR, Francisco de. *Teoria teológica: sobre o método da teoria da libertação*. São Paulo: Paulinas, 2012.

AZEVEDO, Dermi. *Desafios estratégicos da Igreja Católica*. Disponível em: <<http://www.scieo.br/pdf/ln/n60/a04n60>>. Acesso em: 6 ago. 2016.

BAPTISTA, Paulo Agostinho Nogueira. Religião, política e Teologia da Libertação: trajetória e desafios. *Pistis Praxis*, Curitiba, v. 6, n. 1, p. 229-254, jan./abr., 2014.

BASSO, Vilson. O Papa Francisco e a juventude. *Vida Pastoral*, São Paulo, a. 58, n. 316, p. 31-38, jul./ago., 2017.

BASTOS, Aguinaldo. *Ontologia da violência: o enigma da crueldade*. Rio de Janeiro: Mauad, 2014.

BECKÄUSER, Frei Alberto. *Sacrosanctum Concilium: Edição Jubilar*. São Paulo: Vozes, 2013.

BENINCÁ, Dirceu. *Papa Francisco acerta a jugular do capitalismo*. Disponível em: <<http://www.diocesedeerexim.org.br/arquivos/artigos/CODEHTML55c8024d6f58d.pdf>>. Acesso em: 8 out. 2017.

BETTO, Frei. *O que é Comunidade Eclesial de Base?*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BIANCHINI, Wagner Cardoso. *A alegria do evangelho e a ecclesiologia do povo de Deus*. 2015. 112 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

BOFF, Clodovis. *A teologia da libertação e a crise da nossa época*. Disponível em: <<http://servicioskoinonia.org/relat/196.htm>>. Acesso em: 29 out. 2017.

BOFF, Leonardo. *Ecologia, mundialização e espiritualidade*. São Paulo: Record, 2008.

BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador*. São Paulo: Vozes, 1986.

BOFF, Leonardo. *Teologia do cativo e da libertação*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1980.

BOFF, Leonardo. *Teólogo da Libertação Boff*: “Francisco é um de nós”. Disponível em: <http://www.sensusfidei.com.br/2016/12/27/teologodalibertacaobofffranciscoeumdenos/?upm_export=pdf>. Acesso em: 6 mar. 2017.

BOFF, Leonardo; BOFF, Clodovis. *Como fazer Teologia da Libertação?*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

BONATO, Massimo. *A crise pós-Concílio Vaticano II: declínio ou renascimento do catolicismo?*. Disponível em: <<http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article/viewFile/493/480>>. Acesso em: 6 ago. 2016.

BRIGHENTI, Agenor. Uma instituição em crise em uma sociedade em crise. In: PASSOS, João Décio; SOARES, Afonso Maria Ligório (Orgs.). *Francisco: renasce a esperança*. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 28-45.

CAMILO, Rodrigo Augusto Leão. A Teologia da Libertação no Brasil: das formulações iniciais de sua doutrina aos novos desafios da atualidade. II Seminário de Pesquisa da Faculdade de Ciências Sociais, 2011, Goiás. *Diálogos entre graduação e pós-graduação*. Disponível em: <https://anais.cienciassociais.ufg.br/up/253/o/Rodrigo_Augusto_Leao_Camil_o.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2017.

CASTEL, Robert. *As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

CATÃO, Francisco A. *O que é Teologia da Libertação?*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CATOLICISMO ROMANO. *Em discurso contundente, Papa Francisco critica capitalismo e exige mudanças mundiais*. Disponível em: <<http://www.catholicismoromano.com.br/content/view/5968/28/>>. Acesso em: 27 out. 2017.

CLARA, Nilton da Silva Santa. *Enrique Dussel: filosofia, teologia e libertação*. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA. *Síntese da exortação apostólica pós-sinodal Amoris laetitia sobre o amor na família*. Disponível em: <http://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/wp-content/uploads/AmorisLaetitia_resumo.pdf>. Acesso em: 8 out. 2017.

COSTA, Giovani Bernardo. *Catolicismo tradicionalista e Arautos do Evangelho: aspectos fundamentais de um tradicionalismo católico*. 2014. 117 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.

CULTURAL. *Enciclopedia Larrousse*. São Paulo: Nova Cultural, 1995.

DIAS, Juliano Alves. *Sacrificium Laudis: a hermenêutica da continuidade de Bento XVI e o retorno do catolicismo tradicional (1969-2009)*. São Paulo: UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

DINIZ, Eli. Globalização, reforma do Estado e teoria democrática contemporânea. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v. 15, n. 4, p. 13-22, 2001.

DUSSEL, Enrique. *História da igreja latino-americana (1930 a 1985)*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1989.

EBENEZER. *Cristo e Mamom*. Disponível em: <<http://www.ebenzer.org.br/wp-content/uploads/2015/09/Cristo-e-Mamom.pdf>>. Acesso em: 8 out. 2017.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo. EDUSP, 1996.

FISCHMANN, Roseli. *Estado laico, educação, tolerância e cidadania: para uma análise da concordata Brasil-Santa Sé*. São Paulo: Factash, 2012.

FRANCISCANOS. *Natureza e significado de "Documento" na Igreja*. Disponível em: <<http://www.franciscanos-rs.org.br/evangelii-gaudium/>>. Acesso em: 8 out. 2017.

FRANCISCO. *A Igreja da Misericórdia: minha visão para a Igreja*. São Paulo: Paralela, 2014.

FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato Si'*: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015.

FRANCISCO. *Discurso do Papa aos Movimentos Populares*. Disponível em: <[http://pt.radiovaticana.va/news/2015/07/10/discurso_do_papa_aos_movimentos_populares_\(texto_integral\)/1157336](http://pt.radiovaticana.va/news/2015/07/10/discurso_do_papa_aos_movimentos_populares_(texto_integral)/1157336)>. Acesso em: 8 out. 2017.

FRANCISCO. *Discurso do Papa Francisco aos participantes na plenária da congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica*. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/january/documents/Papafrancesco_20170128_plenaria-civcsva.pdf>. Acesso em: 27 out. 2017.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulus; São Paulo: Loyola, 2013.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Altas, 2010.

GONZÁLEZ-QUEVEDO, Luís. Jorge Mario Bergoglio/Papa Francisco: um testemunho. *Vida Pastoral*, São Paulo, a. 58, n. 316, p. 3-10, jul./ago., 2017.

GOTAY, Samuel Silva. *O pensamento cristão revolucionário na América Latina e no Caribe: implicações da Teologia da Libertação para a Sociologia da Religião*. São Paulo: Paulinas, 1985.

GUIMARÃES, Luiz Ernesto. *A teologia da libertação e o contexto latino-americano*. Disponível em: <http://www.pjmp.org/subsidios_arquivos/pjmp/enfojan_2015/DOC7ATEOLOGIA-DALIBERTACAO-E-O-CONTEXTO-LATINO-AMERICANO.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2016.

GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação: perspectivas*. São Paulo: Loyola, 1996.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. *Texto para discussão*. Brasília: Rio de Janeiro: IPEA, 1990.

JOÃO PAULO II. *Discurso do Papa João Paulo II na solene sessão de abertura da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano*. 1979. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/johnpaulii/pt/speeches/1979/january/documents/hf_jpii_spe_19790128_messico-puebla-episc-latam.html>. Acesso em: 19 set. 2017.

JOSAPHAT, Frei Carlos. *Catolicismo brasileiro: e por fim se move*. In: PAIVA, Angela Randolpho (Org.). *Católico, protestante, cidadão: uma comparação entre Brasil e Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. p. 147-174.

LEITE, Eugênio Batista. Carta Encíclica *Laudato Si'* – sobre o cuidado da Casa Comum – Papa Francisco. *Sinapse Múltipla*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 1-2, dez., 2015.

LIBANIO, João Batista. Teologia em revisão crítica. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 11, n. 32, p. 1328-1356, out./dez., 2013.

LIMA, Delcio Monteiro de. *Os demônios descem do norte*. 5. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1987.

LIMA, Luis Corrêa. A Renúncia do Papa e a História da Igreja. *Atualidade Teológica*, a. 17, n. 43, p. 201-207, jan./abr., 2013.

LÖWY, Michael. *A guerra dos deuses: religião e política na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 2000.

MANZATTO, Antônio. O Papa Francisco e a Teologia da Libertação. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, a. 23, n. 86, p. 183-203, jul./dez., 2015.

MARX, Karl. *O fetichismo da mercadoria e o seu segredo*. Disponível em: <<http://www.marxists.org/portugues/marx/1867/ocapital-v1/index.htm>>. Acesso em: 8 out. 2017.

MENDES, Vitor Hugo. Vaticano II: a modernidade da Igreja em um contexto de mudanças. *Encontros Teológicos*, Florianópolis, a. 27, n. 2, p. 139-163, 2012.

MESQUIDA, Peri. Educação e hegemonia católica no Brasil (1870 a 1900). *Revista Diálogo Educacional*, São Paulo, v. 2, n. 3, p. 113-128, jan./jun., 2001.

MICHAELIS. *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>>. Acesso em: 9 out. 2017.

MILANI, Tatiani. Papa Francisco e as novas discussões da igreja frente à mídia. Anais do II Congresso Internacional das Faculdades EST, 2014, São Leopoldo. *Religião, mídia e cultura*. Disponível em: <<http://anais.est.edu.br/index.php/congresso/article/view/333/178>>. Acesso em: 11 set. 2017.

MÜLLER, Gerhard Luedwig. *Pobre para os pobres: a missão da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2014.

MURARO, Valmir Francisco. *Juventude Operária Católica*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

NASCIMENTO, Diego Tarley Ferreira; CAMPOS, Gustavo Ribeiro. Os cuidados com a natureza (nossa casa comum), segundo a carta Encíclica Papal “*Laudato Si’, mi’ signore*”. XVIII Encontro Nacional de Geógrafos, 2016, São Luis. *A construção do Brasil: geografia, ação política e democracia*. Disponível em: <[http://www.eng2016.agb.org.br/resources/anais/7/1467336021_ARQUIVO_ARTIGONascimento2016Oscuidadoscomacasacomum\(2\).pdf](http://www.eng2016.agb.org.br/resources/anais/7/1467336021_ARQUIVO_ARTIGONascimento2016Oscuidadoscomacasacomum(2).pdf)>. Acesso em: 5 out. 2017.

NOGUEIRA, Antônio Ronaldo Vieira. A Igreja dos pobres como nota da Igreja e marca da espiritualidade cristã: uma reflexão a partir de Jon Sobrino e do Papa Francisco. *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 51, p. 606-621, set./dez., 2015.

NORONHA, Cejana Uiara Assis. Teologia da libertação: origem e desenvolvimento. *Fragmentos de Cultura*, Goiânia, v. 22, n. 2, p. 185-191, abr./jun., 2012.

O’MALLEY, John. Vaticano II: a crise, a resolução, o fator Francisco. *Cadernos de Teologia Pública*, São Leopoldo, a. 12, n. 94, v. 12, p. 1-29, 2004.

OLIVEIRA, Luciano Conrado; MARTINS, Karla Denise. O ultramontanismo em Minas Gerais e em outras regiões do Brasil. *Revista de Ciências Humanas*, Viçosa, v. 11, n. 2, p. 259-269, jul./dez., 2011.

PASSOS, João Décio. A reforma do Papado: primado na colegialidade. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 48, n. 1, p. 37-58, jan./abr., 2016.

PASSOS, João Décio. *Concílio Vaticano II: reflexões sobre um carisma em curso*. São Paulo: Paulus, 2014.

PASSOS, João Décio. Os grandes temas do pontificado do Papa Francisco. *Vida Pastoral*, São Paulo, a. 58, n. 316, p. 21-30, jul./ago., 2017.

PASSOS, João Décio. Uma reforma na Igreja: rumos e projetos. In: PASSOS, João Décio; SOARES, Afonso Maria Ligório (Orgs.). *Francisco: renasce a esperança*. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 85-101.

PATIAS, Jaime Carlos. A cultura popular além do espetáculo. 3º Seminário de Comunicação, Cultura e Sociedade do Espetáculo, 2015, Bela Vista. *A Sociedade do Espetáculo e a Dialética da Cultura*. Disponível em: <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2016/04/Jaime-Patias_Semin%20A0rio-2015.pdf>. Acesso em: 26 out. 2017.

PESSINI, Leo; SGANZELA, Anor. Crise ambiental e crise ético-moral na perspectiva da *Laudato Si’*. *Revista Iberoamericana de Bioética*, Curitiba, v. 1, n. 4, p. 1-12, 2017.

PINHO, Arnaldo. O Concílio Vaticano II e a Modernidade. *Humanística e Teologia*, Porto, v. 34, n. 1, p. 133-142, 2013.

VEIGA, Alfredo César da. *A Igreja e os usos políticos do passado*. 2010. Disponível em: <<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao20/materia02/texto02.pdf>>. Acesso em: 29 jul. 2017.

VERSIEUX, B. H. *O legado político de João Paulo II e a eleição de Bento XVI*. Disponível em: <www.pucminas.br/imagdb/.../CES_ARQ_DESCR20060302114109.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2016.

WIKIPÉDIA. *Mater et Magistra*. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mater_et_Magistra>. Acesso em: 23 set. 2017.

WIKIPEDIA. *Questão religiosa*. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Quest%C3%A3o_religiosa>. Acesso em: 28 ago. 2017.

WOLFF, Elias. Reformas na igreja: chegou a vez do catolicismo? Uma aproximação dos 50 anos do Vaticano II e dos 500 anos da Reforma luterana, no contexto do pontificado do Papa Francisco. *Revista Horizonte*, Belo Horizonte, v. 12, n. 34, p. 534-567, abr./jun., 2014.

